

coens em que passaraõ para Castella. Francisco de Ornel-
 las se embarcou para Lisboa a dar a nova da felicidade do
 successo em que havia tido a principal parte: chegando,
 foy recebido d'ElRey com as demonstraçoens de honra
 que merecia o seu procedimento. Fez-lhe mercê de huma
 Commenda de mil cruzados, deo outra de menos lote a
 João de Betancor, ás mais pessoas particulares deo habi-
 tos, e tenças, regulando-as conforme o mericimento que
 tiveraõ; acertada politica nos Principes a quem a guerra
 faz dependentes dos Vassallos; porque ainda que a dis-
 peza seja sem medida, no peso das occasioens militares
 achaõ os avanços sem conto. Poucos dias depois de entre-
 gue a Fortaleza, chegou á Ilha Antonio de Saldanha Ca-
 pitaõ mór da Torre de Belem com cinco caravelas, em
 que levava trezentos Infantes, muniçoens, e artilharia
 grossa: desembarcou em Angra, e foy recebido com gran-
 de solemnidade: achou os moradores divididos em parcia-
 lidades, occasionando as dissençoens a ambiçaõ do gover-
 no. Socegou-os, e em breves dias levantou hum Terço,
 tirando as dispezas dos interesses do cunho da moeda, pa-
 ra que levava ordem d'E Rey: que foy naquelle tempo
 passarem com huma marca as moedas de ouro, que valiaõ
 quatro cruzados, a valor de tres mil reis, as patacas que
 pesavaõ trezentos e vinte, a quatro centos e oitenta, os
 tostoens a seis vinteis, a tres os meios tostoens, e a es-
 te preço os dous vintens. Deo-se execuçaõ a esta ordem
 primeiro em Portugal, passou depois ás Conquistas. For-
 mou tambem Antonio de Saldanha duas Companhias de
 Cavallos: com esta gente, e duas Navetas da India en-
 trou em Lisboa.

Em quanto na Ilha Terceira succedeo o que fica
 referido, passou a Africa, a Asia, e a America a noticia
 do novo possuidor do Imperio de Portugal; e da mesma
 fórte, que na Europa, foy acclamado nas partes que nel-
 las dominava, ElRey D. João IV., glorioso Principe,
 cujo nome foy obedecido, e celebrado nas quatro partes
 do Mundo. Assistia Martim Correa da Silva em Marza-
 gaõ: com o primeiro avizo entregou aquella Praça ao ser-
 viço d'ElRey. Ceuta, e Tangere, a primeira governada

Anno

1641.

*Faz ElRey mer-
 ces aos que o
 serviraõ.*

*Chega a Ilha
 Antonio de Sal-
 danha.*

*Volta a Lisboa
 com duas Nave-
 tas da India.*

*Dá Marzagão
 obediencia a El-
 Rey.*

Anno

1641.

*Ceuta, e Tangere se incorporou por Castella.**Angola dá tambem obediencia.**Disposições do Marquez de Montalvão na Bahia**He El Rey aclamado na Bahia.*

por D. Francisco de Almeida, a segunda por D. Rodrigo da Silveira Conde de Sarzedas, fazendo escrupulo das homenagens que haviaõ dado, não quizerão seguir novo partido. Ceuta não se tornou a unir á Coroa de Portugal, Tangere se incorporou nella, do no em seu lugar diremos. No Reino de Angola assistia Pedro Cesar de Menezes, tanto que lhe chegou a noticia da aclamação d'El Rey não dilatou entregar-lho com todos os Lugares, que naquella parte estavaõ á sua ordem. E o mesmo executarão todos os Governadores das Ilhas, e Lugares da terra firme, de que he senhor Portugal na costa de Africa. Na América era Vice Rey do Estado do Brasil Dom Jorge Mascarenhas Marquez de Montalvão. Chegou á Bahia huma caravela, sahio em terra o Mestre, prohibindo-o aos mais que o acompanhavaõ, falou com o Marquez, entregou-lhe huma carta d'El Rey, na qual lhe dizia, que depois de aclamado em Portugal lhe faltava, para segurança da Coroa, achar a mesma obediencia no Estado do Brasil; que do seu valor, e do seu acordo esperava a felicidade desta empreza. Na diligencia do Marquez logrou El Rey as esperanças, que lhe insinuava, porque sem a menor inquietação reduzio á sua obediencia aquelle vastissimo Estado. Recebida a carta d'El Rey, deo ordem que nenhum barco chegasse á caravela, e porque na Bahia constava a guarnição Castelhana de seiscentos Infantes, mandou formar o Terço de seu filho D. Fernando Mascarenhas na praça do Collegio dos Padres da Companhia, e o Terço de Joanne Mendes de Vasconcellos na praça do Paço. Logo chamou as pessoas Principaes de todos os Estados, e conferindo a carta d'El Rey com cada hum dos que chamava em particular, observando o seu sentimento, e ouvindo a sua resposta, os recolhia para o interior de sua casa. Apurados todos os animos, e achando nelles a constancia que desejava, unio em hum Conselho os que havia convocado, e lida em voz alta a carta d'El Rey, mandou que cada hum referisse em publico o que lhe havia declarado em particular. Sem algum se retratar, se ratificaraõ todos, e a execuçaõ foy voto definitivo. Sahiraõ do Paço com excessivas demonstraçoens de contentamen-

to; chegáraõ á Sé, onde com repetidos vivas acclamáraõ ElRey D. Joaõ. Seguiu o Povo sem controversia a mesma voz, desfarmáraõ a guarniçaõ Castelhana, e continuáraõ-se na Cidade grandes festas por muitos dias. O Marquez despedio logo o Provincial da Companhia ao Rio de Janeiro, que governava Salvador Correa de Sá: obedeceo sem duvida, vencendo no seu animo o sangue Portuguez ao que tinha Castelhano; que a estrella dominante, que sujeita aquella a esta naçaõ, tambem no interior prevalece. Da mesma fórte avizou o Marquez todas as Capitaniás subordinadas ao seu dominio, e em todas achou igual obediencia. Fez tambem avizo ao Conde de Nafau, que governava as armas Hollandezas em Parnambuco, de como o Reino de Portugal, e o Estado do Brasil estavaõ separados do dominio de Castella, por terem Rey natural em o Duque de Bragança a que haviaõ dado a Coroa, justça, que havia sido sessenta annos opprimida do poder d'ElRey de Castella; e que considerando que as duas naçoens caminhavaõ ao mesmo fim de se defenderem daquellas armas, julgava infalivel a concordia entre os Estados, e o Reino. Porém o Marquez fazendo este avizo, naõ propoz ao Conde de Nafau que cessassem as armas; fondando prudente, que esta era toda a fortuna dos Hollandezes, porque como dos interesses do assucar tirava a Companhia de Mercadores feita em Hollanda o dinheiro para a dispeza da guerra, em quanto estava viva se destruiãõ todos os fundamentos para que se formára; bastando poucos moradores para lhe pôr fogo a todos os Canaveaes; e conseguindo a paz, logravaõ divertido este damno. Assim o testemunhou a experiencia, engrandando de fórte o poder dos Hollandezes nos annos, que estiveraõ depois livres da guerra, que puzeraõ em contingencia tudo quanto Portugal dominava na America, e lográraõ sem duvida esta felicidade, se o favor de Deos se naõ puzera muitas vezes da parte da nossa imprudencia. Antevendo esta utilidade recebeo o Conde Mauricio a nova da acclamaçaõ com grande gosto, o qual manifestou na muita artilharia que mandou disparar, e nas muitas festas que por alguns dias mandou fazer, sendo hum dos que entrou nel-

Anno

1641.

Segue o mesmo exemplo Salvador Correa de Sá no Rio de Janeiro.

Avizo do Marquez ao Conde Joaõ de Nafau.

Celebraõ õs Hollandezes em Parnambuco a acclamaçaõ.

Anno

1641.

Parte Dom Fernando Mascarenhas do Brasil.

las. O Marquez havendo dedicado todo o Estado do Brasil á obediencia d'ElRey, mandou seu filho D. Fernando a Lisboa a dar-lhe conta do que havia executado em seu serviço, offerecendo-lhe juntamente hum dilatado papel, dictado pela sua larga experiencia, que continha importantes avizos para a disposição do novo governo. Partido D. Fernando, chegou ao Porto de Tapôa, duas legoas da Bahia, em huma Caravela o Padre Francisco de Vilhena da Companhia de JESUS: sahio só em terra, e deo ordem á Caravela que se fizesse ao mar; chegou á Cidade, e entrou no seu Collegio sem fazer rumor; e tendo noticia do focego com que o Estado do Brasil obedecia a ElRey, executou com grande imprudencia a ordem que levava sua. ElRey não se dando por seguro do avizo que havia feito ao Brasil, mandou ao Padre Francisco de Vilhena, depois de despedir a primeira Caravela; passou-lhe as ordens necessarias, para que em caso que o Marquez lhe não tivesse obedecido, elegia por Governadores do Estado ao Bispo D. Pedro da Silva, ao Mestre de Campo Luiz Barbalho, e a Lourenço de Brito Correa. Era a causa desta nova ordem haverem-se passado para Castella D. Pedro, e D. Jeronymo Mascarenhas filhos do Marquez, e recear ElRey, que pudessem fazer prevaricar o animo de seu pay, ainda que se declarasse constante na sua obediencia: porém encorramendou ElRey ao Padre Francisco de Vilhena toda a cautella neste negocio, e deixou ao seu discurto, e boa disposição obrar conforme a necessidade das materias o pedisse. Achando pois o Padre Francisco de Vilhena as demonstraçoens do Marquez taõ contrarias ao que levava supposto, não lhe bastando este defengano, usou da ordem da mesma sorte, que se o Marquez houvera tido o procedimento de que ElRey se temia. Tanto que chegou ao Collegio, chamou os tres Governadores nomeados, e faltando nelles a virtude de antepôr a razão ao dominio, lidas as cartas d'ElRey, aceitáraõ o governo, e mandáraõ ao Padre Francisco de Vilhena, que fosse logo entregar ao Marquez a carta, que ElRey lhe escrevia. Assim o executou; leo o Marquez a carta, e vendo-se por ella desobrigado do governo, mostrando na segurança

*Imprudencia do Padre Francisco de Vilhena.**Retira se o Marquez do governo.*

rança do semblante a igualdade do animo, sahio de sua casa para outro aposento particular. Entráraõ os Governadores no Paço, e fazendo pouco urbanamente Reo a quem havia sido Author da obediencia daquelle Estado, examináraõ com huma devassa a fidelidade do Marquez; a qual servio de apurar a sua innocencia: e dando-se alguns capitulos de exorbitancias, que suppuferaõ, os contradisse com certidoens menos apaixonadas, e mais verdadeiras. Depois de entregar o governo, conhecendo, que todas as disposiçoens caminhavaõ á sua descomposiçaõ, se retirou ao Collegio dos Padres da Companhia, buscando o remedio na causa do damno: naõ lhe valeo o sagrado, fizeraõ delle prisaõ, pondo-lhe guardas; e juntamente prenderaõ ao Mestre de Campo Joanne Mendes de Vasconcellos, e ao Sargento mór Diogo Gomes de Figueiredo, sem mais culpas, que serem reputados por amigos do Marquez; soltando ao mesmo tempo Luiz da Silva Telles, e D. Sancho Manoel; que o Marquez havia prezo por matarem de dia hum Ajundante na Praça do Paço. Com este favor, e aquella execuçaõ deraõ os novos Governadores principio ao seu governo. Mandaraõ prevenir huma caravela, onde embarcaraõ o Marquez entregue a Luiz da Silva. Antes de dar á vela chegou hum navio despedido por ordem d'ElRey Catholico, entrou no Porto, foy facilmente rendido; e examinado, acharaõ-se cartas d'ElRey para o Marquez acompanhadas de outras de seus filhos: continhaõ todas repetidas instancias de conservar aquelle Estado na obediencia de Castella. Entregaraõ os Governadores todos estes papeis a Luiz da Silva para que os desse a ElRey, e prenderaõ quatro criados do Marquez, obrigando-o a seguir a viagem com pouca assistencia, e grande discommodo: porém a força do cuidado era o verdugo mais violento na consideraçaõ de se haverem seus filhos passado a Castella, e saber do Padre Francisco de Vilhena, que estava a Marqueza sua mulher preza por ordem d'ElRey no Castello de Arrayolos; e naõ bastava a esperança de que podia subornar tantos infortunios com o procedimento que havia tido no Brasil, para evitar o combate, que lhe davaõ taõ perigosos accidentes.

Anno

1641.

Tomaõ posse os tres Governadores.

Prizão do Marquez, e outros Fidalgos.

Toma-se hum navio de Castella.

Anno
1641.

dentos. Chegou a Lisboa; e achou a fortuna com diferente semblante do que suppoz na viagem: porque havendo chegado seu filho D. Fernando com a nova do seu cego, e obediencia com que ficava o Brasil; (ainda que desembarcando em Peniche, o desacerto de seus Irmãos incitou contra a sua pessoa a furia do Povo, a que entregára a vida, a não ser soccorrido da urbanidade do Conde de Atouguia, que alli se achava, o qual o salvou em sua casa, depois de haver recebido hum cutilada na cabeça, de que o curou nella dentro de breves dias) deo-se ElRey por obrigado a lhe conceder a liberdade de sua mãy, em quem os beneficios não tiveraõ em tempo algum poder para antepôr os interesses de Portugal a afeição de Castella, sendo esta ingratitude causa total da ruina de sua casa. Tanto que o Marquez deo fundo no Rio de Lisboa, achou que o esperavaõ sua mulher livre da prizaõ, e seu filho com o posto de Coronel de hum dos Terços da Corte. Esta primeira luz bastou para desbaratar as nuvens que lhe cobriaõ o animo; augmentou-lhe o contentamento o applauso com que foy recebido da Nobreza, e Povo, e socegou-lhe de todo o espirito o favor, que ElRey lhe fez quando chegou a lhe beijar a maõ, ao que se seguiu empregallo nas maiores occupaçoens, em que durou alguns annos, mostrando-lhe a fortuna (como veremos) por muitas vezes varios semblantes.

Faltava só a ElRey na Asia, para se reduzir a sua obediencia, o Imperio da India, primogenito da natureza, (terra em que as plantas saõ fructos, as flores aromas, as aguas perolas, as pedras preciosas) conquistado pelos Portuguezes com temeridade, conservado com insigne valor, e esmaltado do seu generoso sangue. Para facilitar as difficuldades desta empreza, a entregou ElRey como as mais nas azas da fortuna, ou uzando de mais religioso termo, nas mãos da providencia, que com signaes evidentissimos se declarava nas maiores difficuldades em seu favor. Em trinta de Março leváraõ ancora da barra de Lisboa dous navios: hia em hum delles por Capitão mór Sancho de Faria: era Capitão do outro Manoel de Liz: as duas embarcaçoens levavaõ as mesmas cartas,

Chega o Marquez a Lisboa.

Partem duas naõs para a India com a nova da acclamação.

Anno
1641.

cartas; e os Capitaens igual ordem para o Vice-Rey Joaõ da Silva Tello Conde de Aveiras. Foraõ em conserva até a altura de Cabo Verde, onde se apartou Manoel de Liz na volta de Moçambique, ordem que El-Rey lhe havia dado, encõmendando-lhe muito a diligencia, por se divulgar em Lisboa que Cosme do Couto, que havia ficado em Castella, Soldado de valor, e experiencia na navegaçãõ, era partido na mesma derrota, a fim de anticipar El-Rey de Castella com aquelle avizo, o que Moçambique se havia de fazer de Portugal. Achando Manoel de Liz vento prospero, deo fundo a dous de Agosto defronte da Fortaleza de Moçambique: era o Capitaõ que a governava, Antonio de Brito Pacheco, para quem levava Manoel de Liz carta d'El-Rey. Quando desembarcou, estava na praia Antonio de Brito; deo-lhe a nova da acclamação antes da carta, e obrou nelle tanto o alvoroço, que sem a abrir acclamou El-Rey: com igual contentamento seguirãõ os Soldados a mesma voz. Deo logo Antonio de Brito homenagem a Manoel de Liz, para que trazia poderes, e ficou segura na obediencia d'El-Rey aquella Fortaleza, deposito de tanto ouro, que a ser conduzido por mãos menos ambiciosas, e a innocencia dos que o trazem tratada com menos malicia, pudera Portugal com esta só Conquista excusar o trabalho de outras muitas, que sem utilidade cultiva. A treze de Agosto partio Manoel de Liz para a India na volta de Goa; e com o receio da Armada dos Hollandezes, que suppunha furta na Barra daquelle Cidade, foy demandar o Cabo da Rama, que dista para a parte do Sul doze legoas della. Chegou a seis de Setembro, e passado o Rio do Sal, foy correndo a praia de Salfete, disparando a artilharia, para que ao rumor della acodisse alguma pessoa que o informasse da parte em que assistia a Armada de Hollanda. Vendo que lhe não succedia como imaginava, determinou chegar-se á barra de Goa, e amparar-se da Fortaleza do Murmugaõ por entre a terra firme, e os Ilhéos de Goa a velha, caminho que o livrava do perigo, ainda que os Hollandezes tivessem occupada a barra: porém achando o vento contrario, surgiu em hum Ilhéo que fica da outra banda de Goa a velha. Neste sitio

Acclama-se El-Rey em Moçambique.

Anno
1641.

veio ter com elle o Capitão Gaspar Gomes em huma Almadia em que andava com ordem do Vice-Rey Joaõ da Silva Tello, Conde de Aveiras, que pouco tempo antes havia tomado posse daquelle governo, para fazer avizo a qualquer embarcação que chegasse do Reino, de que os Hollandezes estavaõ furtos na Barra com dez navios, aguardando outros tantos, por se haverem ajustado com o Hidalcaõ para sitiar Goa, elle por terra com quarenta mil homens, elles por mar com os vinte navios; e que por este respeito ordenava o Vice-Rey a qualquer embarcação grande que chegasse, que se recolhesse a Chaul; sendo pequena, a Onor, ou Cananor, e que as vias se lhe remettessem pelo Capitão Gaspar Gomes. Levava Manoel de Liz ordem para as entregar na mão do Vice-Rey, e não lhe sendo possível deixar o navio, tendo da mesma forte por perigoso levá-las a Onor, pelo risco de serem colhidas pelos Hollandezes, deo a véia para Onor, e entregou as vias a hum filho seu de nove annos, chamado André de Liz, ordenando-lhe que as desse na mão ao Vice-Rey. Embarcado André de Liz na Almadia chegou á povoação de Pangí, e entrando na Igreja de Nossa Senhora da Conceição (a primeira que se havia fundado na India) achando nella os moradores ao Sermaõ, com mais valor, e desembaraço que permittia a sua pouca idade, acclamou El-Rey. Deteve o alvoroço a solemnidade da festa, e seguindo todos a mesma voz, bastou a de hum menino para atalhar a forçosa ponderação que se devia fazer em negocio de tanto pezo: mas como hum só poder impera em todos os coraçoes humanos, pouco importava que se interpuzesse a larga distancia que vay do Occaso ao Oriente. O mesmo effeito, que nos espiritos Portuguezes gerou o nome d'El-Rey D. Joaõ em Portugal, produzio nos que assistiaõ nas remotas partes da India. Tornou-se a embarcar André de Liz, e em breves horas chegou a Goa. Havia-se anticipado de Pangí por terra Francisco da Silva Soto-Mayor, e dando a nova ao Vice-Rey, não achou pela grandeza della na sua credulidade inteira satisfação. Chegou André de Liz a desfazer a duvida, e com varonil resolução disse ao Vice-Rey: *Estas vias, Senhor, entre-*

Acclama-se El-Rey em Pangí.

Razoens de André de Liz ao Vice-Rey.

gou ElRey D. João Quarto a meu say, para que as trouxesse a Vossa Excellencia, e por nao ser licito largar o navio de que vem por Capitão, sendo contingente pelejar na barra com os Hollandezes, as fiou de mim para que eu as entregasse a V. Excellencia. Receba as V. Excellencia, e diga: Viva ElRey Dom João Quarto nojso Senhor Rey de Portugal. Admirado o Vice-Rey da Embaixada, e do Embaixador, tomou as vias, e mandando-as abrir pelo Secretario de Estado, achando nellas a certeza, que desejava o seu animo verdadeiramente Portuguez; pouco lhe pareceo que fazia, se logo acclamava ElRey. Chamou as pessoas principaes, e fez-lhes presente na restauração do Reino a redempção da India: pois se originava o estado miseravel em que todos a viaõ ou do cuidado, ou do descuido do governo de Castella, hum, e outro inimigos mortaes da conservação daquelle Imperio: podendo supporle, que o cuidado dos Castelhanos era o mais certo, e o mais prejudicial inimigo, depois de observadas as Capitulações feitas com os Hollandezes na primeira tregoa ajustada entre huma, e outra Nação, deixando-lhe desembaraçada a Conquista da India, parecendo, que a fim de diminuir as forças de Portugal. Não achou o Vice-Rey animo algum differente da sua opiniaõ. Deo ordem para que se prevenissem as solemnidades precisas naquelle acto, e a onze de Setembro foy ElRey acclamado em Goa, sem lhe custar mais diligencias, que a de huma carta; fortuna para todos os seculos digna da maior admiração. Manoel de Liz deixando o navio seguro em Onor, se partio para Goa: com a sua chegada se confirmáraõ mais os animos de todos, accrecentando a noticia, que vira em Portugal de sorte o ardor aos moradores da India, que a qualquer delles parecia facil romper com o peito a multidão das aguas, que dividem hum de outro Pólo, e achar-se nas fronteiras oppostos à invasaõ de Castella. Trazia Manoel de Liz ordem para que o Vice-Rey mandasse fazer presente ao Cabo da Armada de Hollanda a separação de Portugal, e Castella, advertindo-lhe, que cessavaõ com este accidente os motivos da guerra da India. Assim se executou, recebeu o Cabo a nova com toda a solemni-

Anno
1641.

He ElRey acclamado em Goa, pelo Cõde de Aveiras Vice-Rey

152 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Perda de Sancho de Faria.**He acclamado El Rey em Macão, e nas mais Praças da India*

de, mas sem embargo de ouvir todo o successo da acclamação, e juntamente, que ficava em Hollanda Embaixador de Portugal ajustando as pazes, não quiz o Cabo desistir da guerra, dizendo, que se sujeitava á ordem do Vice-Rey, que assistia em Jacatará. Foy esta determinação em damno de Sancho de Faria, que em Cabo Verde se havia apartado de Manoel de Liz; porque na fé de hum salvo conducto, que levava de Lisboa, firmado por alguns Officiaes Hollandezes, entrou na Barra de Goa com bandeira de paz: atacaraõ o cinco navios de Hollanda, e não fazendo caso da bandeira, nem do salvo conducto, quizerão entrar por força o navio: defendeo o Sancho de Faria valerosamente. Creceo o poder aos Hollandezes, e fez impossivel a resistencia: ficou morto Sancho de Faria, e quarenta Soldados, os mais quasi todos feridos, e o navio entregue. Os Hollandezes perderão cento e vinte homens, e o Cabo da Armada. Não diminuiu esta desgraça o ardor dos moradores de Goa: continuaraõ-se grandes festas até vinte de Outubro, dia em que foy jurado com muita solemnidade o Principe D.Theodosio. O Vice-Rey logo que recebeo a nova da Acclamação, despedio varios avizos a todos os Capitaens das Fortalezas daquelle Dominio, os quaes sem contradicção ficaraõ na obediencia d'elRey. Sinalaraõ-se nas demonstraçoens os moradores de Macão; Cidade situada no Imperio da China. Chegou a ella Antonio Fialho Ferreira por ordem d'elRey, e achou aquelle opulentissimo povo dividido em parcialidades: conformou-lhes os animos a nova da Acclamação, celebrada com festas taõ custosas, que se pudera duvidar da relação dellas, quando se ignorára a riqueza em que vivem os moradores daquelle Cidade. Ajustaraõ fazer a ElRey hum grande donativo de dinheiro, que logo mandaraõ a Lisboa, e duzentas peças de artilharia de bronze, com muitas muniçoens, que foraõ remettendo nas monções, que se offereceraõ. O animo do Hidalcaõ tambem se sujeitou á nova da Acclamação d'elRey, porque referindo-lhe Joseph Pinto Pereira, que o Vice-Rey lhe mandou por Embaixador, tudo o que havia passado em Lisboa, se achou obrigado a desfazer o contracto, que, como fica dito,

to,

to; celebrou com os Hollandezes, promettendo-lhe si-
 tiar Goa por terra: e não foraõ poderosas as diligencias;
 que elles depois fizeraõ, para o persuadirem a que tornal-
 se a vir no primeiro concerto; e ficou por este respeito li-
 vre a Cidade de Goa do grande perigo, que a ameaçava.
 Manoel de Liz voltou para Lisboa na primeira monçaõ,
 chegou a salvamento, e remunerou-lhe ElRey a nova,
 que trazia, e o trabalho, que padecera por seu serviço,
 com varias mercês. Seu filho trouxe da India o Habito de
 Christo, que lhe deo o Vice-Rey (hum dos grandes pri-
 vilegios daquelle posto) quando da parte de seu pay lhe
 entregou as vias. E para que fique mais claro o que refe-
 rir-mos adiante do Estado da India, daremos breve noti-
 cia do que dominavamos no tempo em que entrou a go-
 verner o Conde de Aveiras: e lograrãõ os curiosos, ainda
 que com menos erudiçaõ, verem seguida a Historia de
 Manoel de Faria e Souza, que chega a referir os succes-
 sos da India até o anno de 1640.

Achou o Conde de Aveiras em grande aperto a
 India com a guerra que os Hollandezes faziaõ na Ilha de
 Ceilaõ: e ajudados d'ElRey de Paõ com o sitio que ha-
 viaõ posto á Cidade de Malaca. A Cidade de Goa, cabe-
 ça de todas as daquelle Estado, lograva livres todas as
 Fortalezas, terras, e Tanadarias da sua antiga jurisdic-
 çaõ. Conservavamos as Fortalezas de Moçambique, Mom-
 baça, Mascate, Soar, Dio, Damaõ com suas Tanadarias,
 e o Forte de S. Jeronymo a ella annexo: a Fortaleza de Ba-
 çaim com as de Marcorá, e Affirim, que lhe pertenciaõ:
 a Cidade de Chaul com a sua Fortaleza, e a do Moro:
 as Fortalezas de Onor, Barcelor, S. Miguel do Cambo-
 lim, Mangalor, Cananor, Cranganor, Coulaõ: a For-
 taleza, e Cidade de Cóchim: a Cidade de Colunbo na
 Ilha de Ceilaõ com todas as terras, que lhe tocavaõ, ex-
 cepto as Fortalezas de Baticala, Triquimale, Nigumbo,
 e Gále, que os Hollandezes haviaõ tomado os annos an-
 tercedentes: a Cidade de S. Thomé de Meliapor: a For-
 taleza de Manar, o Reino de Jafanapataõ com a Forta-
 leza de N.S. dos Milagres, e do Caes: a Fortaleza de So-
 lor, e a Cidade de Macão na China. Logo que o Vice-
 Rey

Anno

1641.

*Desiste o Hidal-
 caõ do sitio de
 Goa.*

*Relaçãõ do Es-
 tado da India.*

Anno

1641.

*Disposições do
Vice-Rey da In-
dia.**Sítio de Nigum-
bo.**Rota dos Chingalás.*

Rey tomou posse do Governo, foy visitar os Fortes da Barra, e Murmugão, e no de Aguada, por ser mais importante, deixou seu filho mais velho Luiz da Silva, para acodir ao sustento dos Soldados; costume antigo, e hoje com grande damno observado na India. Guarnecidos os Fortes na melhor fórma, que foy possível, reforçou os navios da Armada, dispondo-os para resistirem ao grande poder com que os Hollandezes ameaçavaõ aquella Barra, e nomeou por Capitão mór da Armada, que eraõ quatro galeoens, sete galeotas, e algumas manchuas, a Valentim Soares, Soldado de conhecido valor, e experiencia. Disposta a defenfa de Goa, resolveo o Vice-Rey com assistencia do Conselho de Estado, soccorrer Ceilaõ, de que era Capitão General D. Antonio Mascarenhas, governo de que estavaõ os de Ceilaõ mal satisfeitos. Para emendar as desordens que succediaõ da pouca aceitação do governo de D. Antonio, nomeou o Vice-Rey em seu lugar a seu irmão D. Philippe Mascarenhas, que os de Ceilaõ com grande instancia pediaõ, por concorrerem nelle muitas virtudes dignas de estimação. Aceitou D. Philippe, e em huma não, e quatro galeotas se embarcou para Ceilaõ com trezentos e vinte Soldados. Chegou à Cidade de Columbo; e sem interpôr dilação, unida a gente da Ilha à que levava na Armada, marchou a sitiar a Fortaleza de Nigumbo. A sete de Novembro começou a jogar a artillaria com tanto effeito, que, estando só de presidio cento e dezaseis Hollandezes, a renderaõ, desesperados de outro soccorro, que puderaõ conseguir, se tiveraõ valor para se defender mais tempo; porque constando a D. Balthazar, General d'ElRey de Candia (unido neste tempo com os Hollandezes) que a Fortaleza estava sitiada, marchou a soccorrella com tres mil Chingalás. Teve D. Philippe anticipado avizo, sahio a esperar D. Balthazar, e houve pouca dilação entre investir esta gente, e desbaratalla; e fez mais alegre a victoria a prizaõ de D. Balthazar, que por haver sido cabeça de levantados, foy sentenceado à morte. D. Philippe dando vista de algũas vélas, que navegavaõ para a Ilha, marchou na volta de Columbo: andava a gente d'ElRey de Candia taõ vizinha, que averiguando D.

Fi.

Filippe que as embarcaçoens eraõ só tres, livre deste cuidado, buscou a gente d'ElRey, e desbaratou'a sem damno algum. Em mais apertados termos que Ceilaõ, se achava neste tempo Malaca; com tres baterias laboravaõ os Holandezes contra a Cidade, huma de sete peças jogava contra a Coiraça, tirava outra de cinco ao Paluarde de São Domingos, e haviaõ fabricado a terceira na Ilha das Náos; e todas tinhaõ de sorte arruinado as muralhas, que não podia jogar dellas a nossa artilharia, e depois de feitas na Cidade varias cortaduras, se levantou huma plataforma no alto de S. Paulo, de que os Holandezes recebiaõ grand: damno. Haviaõ elles começado o sitio com mil e duzentos homens da sua naçaõ, e grande numero de Genticos; e durando o sitio mais do que imaginavaõ, desesperaraõ da Conquista, na imaginaçaõ do soccorro que podia vir de Goa. Estas noticias teve o Vice-Rey por Negapataõ, e desejando muito soccorrer Malaca, lhe não foy possível mandar naquella monçaõ (pelas muitas partes a que lhe era necessario acodir) mais que huma Galeota com alguns soldados, de que era Capitaõ Luiz da Costa. Mostrou depois a experiencia que se nesta occasiaõ se esforçara o soccorro, não experimentara a seu pezar aquelle Estado a infelicidade daquella empreza dos Holandezes. Em Mascate governava a Fortaleza Christovaõ Rodrigues Castel-Branco, desunio-se com Francisco de Tavora de Ataide. Animado o Imamo, Principe daquelle Estado, destas noticias, intentou fitiar Mascate: soccorreo o Vice-Rey a Fortaleza, mandou prender os dous da contenda, e elegeo para governar a Praça Antonio de Moura. Logo que chegou o soccorro levantou o Imamo o sitio. Não perdoavaõ os Holandezes a diligencia alguma de prejudicar ao Estado da India: introduziraõ em Goa alguns Soldados dissimulados com o traje de Inglezes; os quaes unidos com hum Canarim determinavaõ queimar as embarcaçoens que estavaõ fuitas na Barra: foraõ descobertos, e enforcados. E eraõ taõ bem preparados os instrumentos que traziaõ para a execuçaõ que intentavaõ; que, fazendo-se experiencia, se achou que quanto mais agua lhe lançavaõ, tanto mais ardiaõ. Chegáraõ naquella

Anno

1641.

*Sitio de Malaca**Sitio de Mascate.**Descobri-se em Goa hũa traiçaõ dos Holandezes.*

Anno
1641.

*Utilidades de
Moçambique.*

le tempo os Hollandezes a barra de Goa com seis embarcações, e resgatáraõ a Alvaro de Sousa de Tavora, Capitão do Galeão S. Boaventura, que haviaõ queimado junto a Murrugaõ; e era este Fidalgo de taõ conhecido valor, que foy geralmente estimada a sua liberdade. O Vice-Rey sem se perturbar com os muitos accidentes, que lhe sobrevinhaõ, acodia como bom Piloto a todos os ventos, que combatiaõ aquelle Estado, e prevenia todos os danos, que podiaõ vir de novo. Tendo noticia que em Moçambique era morto Diogo de Vasconcellos Governador daquella Fortaleza, elegeo em seu lugar ao Claveiro Francisco da Silveira: levou de socorro hum pataxo, e tres galeotas com mantimentos, e munições, e ordem para fortificar com todo o cuidado tudo o que achasse conveniente naquelle districto, para segurança do resgate do ouro, que em grande abundancia se tirava todos os annos do Comércio dos Cafres habitadores daquelle Certão. Porém estas ordens, ainda que o Vice-Rey as encaminhava ao bem commum, sempre os Governadores as construiaõ em interesse particular, e com avanços taõ excessivos, que a algum ouvi dizer, que em pouco tempo, e naõ metendo grandes cabedaes, se achara com hum milhaõ em pedaços de ouro. E he grande prova da fragilidade dos discursos dos homens navegarem os Portuguezes tantos mares, por buscar ganancias incertas, e que deixem ao arbitrio de hum só homem os interesses infalliveis: porém hoje se póde esperar nesta parte grande melhora com a direcção do Principe D. Pedro, que conhecendo com verdadeiro discurso as utilidades deste negocio, o vay reduzindo a forma mais conveniente. Mombaça ainda que naõ tinha occasião de guerra, soccorreo a o Vice-Rey com gente, e munições: e receando justamente a cavillação dos Hollandezes, mandou prevenir todas as Fortalezas do Estado com ordens distinctas, e apertadas, que ainda que os Hollandezes chegassem a ellas como amigos, os hospedassem com tanta cautéla, que naõ lhes dessem lugar a que uzassem da manha, e da força, de que taõ cautelozamente se sabiaõ valer, como justificavaõ varias experiencias. E se em todas as partes se fizera
esta

esta mesma prevençãõ, não vieraõ a experimentar as nossas Conquistas os grandes damnos, que padeceraõ; que tiveraõ taõ difficil remedio, que foy necessario concorrer todo o favor Divino, para se restaurarem. E na India em que puderaõ ter os seus aggravos igual satisfacão á que tiveraõ na America, não foy a falta do poder a que nos prejudicou, senãõ a emulaçãõ, e interesses proprios, que naquelle Estado foraõ tantas vezes inimigos das conveniencias publicas. O Vice Rey depois destas prevenções despedio para o Reino a Caravela Nossa Senhora de Nazareth, e a Caravela Santa Anna, que foy de avizo, de que era Capitãõ Joaõ da Costa, a Caravela Nossa Senhora da Oliveira, e Santo Antonio, de que era Capitãõ Antonio Cabral. Chegaraõ as primeiras a Lisboa a 15 de Maio de mil e seiscentos quarenta e hum: as segundas a sete de Julho do mesmo anno; e teve El Rey licito alvoroço de ver debaixo da sua administraçãõ as primeiras primicias do Estado da India.

Acclamado El Rey Dom Joaõ em todos os Lugares aonde chega o Dominio de Portugal, era necessario que as disposições do governo correspondessem á fortuna que havia tido em conseguir a posse do Reino: porque a cadea da politica he de tal sorte travada, que basta tirar-lhe hum anel para romper a cadea. Foy das primeiras disposições d'El Rey fazer huma Armada, que servisse ao Reino de escudo, para que não fosse prejudicado, e ás Conquistas de freio, para que não prevaricassem. Deraõ os cabedaes, que se ajuntáraõ, alimento a doze navios: depois de preparados não concordavaõ os pareceres dos Conselheiros na pessoa do General, que os havia de governar. Quando era maior a duvida deo fundo no Rio de Lisboa em huma Caravela Antonio Telles de Menezes, o qual havendo acabado o governo da India com opiniaõ de muito valeroso, e pratico no exercicio da navegaçãõ, partio de Goa, e chegou a Lisboa em quatro mezes: entrou de noite, e recebendo a nova do novo Principe de que era Vassallo, foy desembarcar ao Paço, e achou em El Rey tantas demonstrações de alegria da sua chegada, e taõ executivo o favor, que se recolheo para sua

Anno
1641

*Chega a El Rey
aviso da obediência da India.*

*Disposições do
Governo d'El
Rey D. Joaõ.*

*Chega da India
Antonio Telles*

158 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*He eleito Gene-
ral da Armada.*

*Manda El Rey
a Catalunha o
Padre Ignacio
Mascarenhas.*

*Exercito de Ca-
stella sobre Bar-
celona.*

*Ataque de Mõ-
juic.*

*Confederaçãõ
de Portugal cõ
Catalunha.*

sua casa com o titulo de General da Armada, merecida sa-
tisfação da victoria, que havia conseguido na India, e
eleição universalmente approvada: felicidade que os Prin-
cipes poucas vezes conseguem. El Rey avaliando a guerra
de Catalunha por huma das mais importantes seguranças
do seu Reino, mandou com toda a brevidade áquella Ré-
publica ao Padre Ignacio Mascarenhas da Companhia de
JESUS, irmão de D. Joaõ Mascarenhas Conde de Santa
Cruz, acompanhado do Padre Paulo da Costa. Ordenou-
lhe El Rey, que desse conta aos Deputados, que assistião
em Barcelona, de como estava em pacifica posse do Rei-
no, e que lhe segurasse todos os soccorros, que para a sua
defensa houvessem mister de Portugal: grande fortuna pa-
ra os Catalaens, se a nossa errada politica não fizera a ex-
ecução diferente da promessa. Porém esta servio aos Cata-
laens de grande alento, porque no dia seguinte ao que che-
gou a Barcelona o Padre Ignacio Mascarenhas (a quem os
Catalaens receberão com grandes demonstraçoens de con-
tentamento) appareceo á vista da Cidade o Marquez de
los Valles, General do Exercito de Castella, com vinte
mil Infantes, e quatro mil Cavallos; e depois de occupar
os postos, e alojar o Exercito, usou da industria primei-
ro, que da força, mandando propôr aos Deputados va-
rios accommodamentos, que não aceitáráõ. Vendo pois
que a guerra havia de ser quem decidisse as propostas,
mandou atacar Monjuic, obra exterior da Cidade: foy
melhor defendida do que estava fortificada, e perdendo o
Exercito mais de dous mil homens, se retirou o Marquez
de los Valles a Tarragona. Assistio o Padre Ignacio Mas-
carenhas na muralha a todo o conflicto: durando elle, lhe
advertiraõ os Deputados, que dislesse ao seu Rey, que to-
masse exemplo naquella occasião, e aprendesse a sustentar
a guerra fóra da Corte, quanto lhe fosse possível: porque
nunca o achaque era muito perigoso, se o coração o não
padecia.

Retirado o Marquez de los Valles, fez o Padre
Ignacio Mascarenhas a sua função: ouviraõ os Deputa-
dos a Embaixada, e aceitaraõ muito voluntariamente con-
federar-se com Portugal. De Barcelona introduzio o P. Ig-
nacio

nacio Mascarenhas no Exercito de Castella muitas cartas, que trazia d'elRey para Officiaes Portuguezes, que serviaõ nelle: as mais dellas foraõ entregues, e a maior parte delles se passáraõ a Barcelona com muitos soldados, como ElRey lhes ordenava, e de Barcelona a Portugal, como veremos. Os Catalaens desejavaõ avizar a França do perigoso estado em que se achavaõ, receando justamente que o Exercito tornasse a atacar a Cidade mal fortificada, peor guarnecida. Difficultava-lhe esta diligencia por terra, terem os Castelhanos os caminhos tomados, e por mar a falta de embarcaçaõ. Offereceo-se o Padre Ignacio Mascarenhas a facilitar este impossivel: aceitáraõ os Deputados a offerta com grandes demonstraçoens de agradecimento: entregaraõ-lhe varias cartas. Tanto que as recebeu, se embarcou na volta de França: achou taõ contrario o vento, que naõ lhe sendo possivel tomar algum porto de França, desembarcou forçadamente em Genova, onde encontrou maior perigo do que suppunha. Estava naquella Cidade o Marquez de Laganéz, que havia chegado a ella, tendo acabado o governo de Milaõ, e esperava embarcaçoens para passar a Hespanha. O Padre Ignacio Mascarenhas tanto que chegou, teve cõmunicaçaõ com alguns Genovezes, e com inadvertida confiança lhes deo conta dos negocios de Portugal, e Catalunha, e da commissaõ que levava: chegou facilmente esta noticia ao Marquez, e deliberou-se a matar, ou prender Ignacio Mascarenhas. Soube elle com a mesma brevidade esta resoluçaõ do Marquez, fez presente ao Senado o risco em que estava: tiveram os que governavaõ a Republica grande attençaõ á sua noticia, e mandáraõ segurar a sua pessoa até se embarcar em hum navio Hollandez, em que chegou a França. Tanto que desembarcou, satisfez com toda a diligencia, e acerto a commissaõ, que levava de Barcelona, e declarando na Corte de França a verdade dos successos de Portugal, que a destreza dos Castelhanos com relaçoens falsas tinha confundido, voltou a Barcelona, e achou nos Deputados igual agradecimento á sua diligencia. Haviaõ chegado áquella Cidade muitos Officiaes, e soldados Portuguezes, effeito das cartas, que havia espalhado no Exercito

Anno

1641.

Passaõ a Portugal muitos dos soldados Portuguezes.

Parte de Barcelona o Padre Ignacio Mascarenhas, chega a Genova.

Chega a França.

Volta a Barcelona.

Entra em Lisboa com muitos Soldados.

Anno

1641.

*Embaixada de
Catalunha.*

ercito de Castella: embarcou-se com elles para Portugal; chegou a salvamento a Lisboa, e achou a satisfação das suas finezas no conhecimento, que ElRey lhe confheilou que tinha dellas, não querendo o seu habito, e o seu desinteresse melhor premio.

Os Catalaens, tanto que partio o Padre Ignacio Mascarenhas, mandaraõ por Embaixador a Portugal a D. Joseph de Salas, Baraõ de Arene; entrou em Lisboa a oito de Abril, foy hospedado em Belem na quinta de Ruy da Silva, e conduzido a Audiencia d'elRey pelo Conde da Vidigueira: fez presentes a ElRey as razoens, que tiveraõ os Catalaens para negar a obediencia a ElRey de Castella, e dalla a ElRey de França: que pedia da parte da Republica perpetua paz com Portugal. Não teve ElRey inteira satisfação desta Embaixada, futilizando-se por alguns indicios, que o animo do Embaixador vinha corrompido pelos Castelhanos, e por esta causa foy despedido com palavras geraes, e offertas sem effeito. O primeiro discurso originou a segunda suspeita de que o Arcebispo de Braga, e mais conspirados (de que a seu tempo se darã noticia) tiveraõ trato, e communicação com o Embaixador. Não entraraõ nesta calunnia D. Lourenço de Sousa, Capitaõ da Guarda d'elRey, e seu irmaõ D. Joaõ de Sousa, Cavalleiro da Ordem de S. Joaõ, hoje Prior do Crato, porque seus inimigos não alcançaraõ esta occasiaõ, por haverem antes della persuadido a ElRey que duvidassem da sua grande fidelidade, sem mais causa, que attenderem alguns a interesses proprios, originando-se ordinariamente destes desconcertos da inveja a maior destruição das Monarquias, sendo a desconfiança entre os Principes, e os vassallos benemeritos, a guerra civil, que mais de pressa as desbarata. Mandou ElRey a D. Lourenço para a Beira, e a D. Joaõ para o Algarve: porque como as presumpções eraõ taõ incertas, queria apurar-lhes os animos facilitando-lhes o caminho de se passarem a Castella, como o haviaõ feito D. Joaõ Soares, D. Pedro, e D. Jeronymo Mascarenhas, de quem D. Lourenço, e D. Joaõ eraõ muito amigos; circumstancia, que havia ajudado a seus emulos a dar cõr ao testemunho, que lhes levantaraõ

Vantáraõ. Sahio esta prova muito em abono da sua fidelidade: porque provendo ElRey o lugar de Capitaõ da guarda em Luiz de Mello seu Porteiro mór, e apertando estes Fidalgos com outros aggravos muito sensivies, elles ostentáraõ sempre a sua fineza, e soffrimento com as mais honradas demonstraçoens. Respeitando ElRey a sua constancia, e igualdade de animo, os restituio no fim do anno de 1642 ao socego de suas casas, e dentro de pouco tempo tornou a dar a D. Lourenço o seu officio, experimentando melhor effeito na segunda que na primeira demonstraçaõ. O dia seguinte ao que ElRey desterrou D. Lourenço, e D. Joaõ de Sousa, deo a seu irmaõ D. Mancel de Sousa a Prelazia de Thomar: querendo emendar com este beneficio o rigor com que havia castigado huma presumpçaõ incerta.

No mesmo tempo em que ElRey mandou o Padre Ignacio Mascarenhas a Catalunha, despachou por Embaixadores outros fogueitos a varios Principes de Europa, conhecendo que as alianças saõ a maior firmeza, e o maior credito das novas Monarquias. Mandou a França Francisco de Mello seu Monteiro mór, e Antonio Coelho de Carvalho Desembargador do Paço, ambos com igual poder, e por Secretario da Embaixada Christovão Soares de Abreu, Desembargador do Porto. Eraõ as pazes de França as mais certas, e as mais uteis, porque a viva guerra que aquelle Reino tinha com o de Castella, as fazia infalliveis, e a opulencia, e grandeza de França as mostrava convenientes: vindo a ser hũa, e outra consideraçãõ segura confiança dos soccorros daquella parte. Partiraõ de Lisboa a 28 de Fevereiro, ancoráraõ na Arrochela a cinco de Março; foraõ recebidos do Graõ Prior de França Cavalleiro de S. Joaõ, e Governador daquella Cidade com muitas demonstraçoens de affabilidade, e grandeza. Partiraõ para a Corte de Pariz, e em todos os Lugares por onde passaraõ, foraõ hospedados magnificamente. Chegando a Orleans despediraõ o Secretario Christovão Soares, avizandõ a ElRey de como eraõ chegados: continuaraõ a jornada, e duas legoas de Pariz acharaõ o Secretario com hũa Quinta prevenida por ordem d'ElRey. Tive-

Anno

1641.

*Embaixadores
de França.**Chegaõ a Ar.
rochela.*

Anno

1641.

*Chegaõ a Pariz;
tiveraõ audien-
cia d'ElRey, e
do Cardial Ri-
chilieu.*

raõ audiencia a 25 de Março, esperava-os meia legoa da Cidade o Marichal de Chatilhom, e outras muitas pessoas principaes da Corte com os coches d'ElRey. Vinha em hum delles o Duque de Xevroza, para o qual passaraõ, e conduzio-os a S. Germoem onde ElRey assistia. Recebeo-os com os favores, que podia dispensar a Magestade encaminhados dos interesses que resultavaõ áquella Coroa da separação de Portugal, e Castella. Voltaraõ ao aposento que lhes estava prevenido, e no dia seguinte tiveraõ Audiencia de Armando Joaõ de Plessis Cardial de Richilieu primeiro Ministro daquella Coroa, e digno de maiores occupaçoens; porque nem os seculos presentes, nem os passados admiraraõ sogeito politico mais merecedor de todos os encomios. Usou com os Embaixadores agradaveis termos, e excessiva cortezia, offerecendo-lhes logo muito mais do que lhe pediraõ: porém elles uzando de huma errada fantasia aceitarãõ muito menos do que era necessario á defensa de Portugal, dizendo que nenhuma couza lhes faltava: e o tempo trouxe consigo o arrependimento de naõ saberem uzar do primeiro ardor do Cardial, em todas as operaçoens daquella nação sempre o mais util. Tiverãõ Audiencia da Rainha, e passados alguns dias depois de varias conferencias ajustaraõ entre huma, e outra Coroa paz perpetua, prometendo ambos os Reys de naõ ajudar aos inimigos de qualquer delles com gente, dinheiro, muniçoens, ou navios, deixando livre aos Hollandezes entrarem nesta confederaçoõ, quando com a noticia della a achassem conveniente. Que a guerra se faria a ElRey de Castella por hũa, e outra parte com todas as forças, e por todos os caminhos, que se offerecessem: Que ElRey Christianissimo se obrigava a mandar a Portugal vinte navios de guerra nos ultimos de Junho seguinte, a se unirem com outros tantos d'ElRey de Portugal, esperando-se que as Provincias unidas concorressem com igual numero: Que esta Armada intentaria tomar a Frota da nova Hespanha, e procuraria fazer todo o dãno, que fosse possivel em os portos, e navios de Castella: E que os interesses seriaõ igualmente divididos: Que o Comércio entre os dous Reinos se continuaria da mesma sorte, que se obser-

Ajusta-se a paz

obser.

observára no tempo dos antigos Reys de Portugal: Que El-Rey de França permittia q os navios Portuguezes podessem comprar nos seus portos toda a forte de armas, muniçoens e mantimentos, que lhe fossem necessarios. Firmárao-se, e publicarao-se as pazes, e partiraõ-se os Embaixadores para Arrochella, para se embarcarem em dez navios da Armada que veio a Lisboa, de que era General o Marquez de Berfé sobrinho do Cardial Richilieu.

No mesmo dia que sahiraõ de Lisboa os Embaixadores de França, despachou El-Rey para Inglaterra D. Antaõ de Almada, e Francisco de Andrade Leitaõ Desembargador do Paço, e por Secretario de ambos Antonio de Sousa de Macedo. Padeceraõ na viagem grande tormenta; passada ella foraõ seguidos na boca do Canal de sete Fragatas Dunquerquezas, que os obrigou a tomar o porto de Plemua, setenta legoas de Londres. A sete de Março sahiraõ em terra, partiraõ para Londres, e despediraõ ao Secretario a pedir licença a El-Rey para poderem entrar na Corte. Achou Antonio de Sousa alguma difficuldade na licença, embaraçando-a a diligencia de D. Affonso de Cardenas Embaixador de Castella: facilitou as difficuldades que elle propoz o Conde de Pembrave, parecer de que El-Rey fazia grande estimaçaõ, e achando a mesma opiniaõ no Parlamento pelos interesses do commercio, dispensou El-Rey com os Embaixadores que entrassem com a solemnidade costumada, e permittida aos maiores Principes de Europa: pedindo primeiro (como por satisfazer à sua curiosidade) a Antonio de Sousa, que lhe declarasse por hum papel o direito, que El-Rey D. Joaõ tinha á Coroa de Portugal. Executou Antonio de Sousa o que El-Rey lhe pedia, e com toda a elegancia lhe mostrou o direito d'El-Rey D. Joaõ, e a tyrannia de Castella. E vendo o Embaixador daquella Coroa vencida a sua negociaçaõ, sahio da Corte, e a sete de Abril entraraõ nella os Embaixadores de Portugal, e foraõ recebidos d'El-Rey com grandes demonstraçoens de alegria: acháraõ na Rainha o mesmo semblante, e com mais effcacia por ser irmã d'El-Rey de França. Conferiraõ os negocios, que hiaõ tratar, com os Ministros, que lhes foraõ

Anno

1641.

*Voltaõ a Lisboa
na Armada de
França.*

*Embaixadores
de Inglaterra.*

Chegãõ a Plemua.

Entrãõ em Londres os Embaixadores de Portugal, e João de Castella.

Anno
1641.

apontados; e depois de algumas controvérsias, estando para se ajustarem os Capitulos da paz, chegou a Inglaterra noticia, que Tristaõ de Mendoça, que foy por Embaixador de Hollanda como logo veremos, havia ajustado com os Hollandezes, que os Vassallos d'ElRey de Portugal não poderiaõ comprar nem fretar navios mais que aos Hollandezes, e que o Comércio da Ilha de S. Thomé, e de toda a costa de Africa ficaria livre a ambas as naçoens, e que ElRey de Portugal permittiria aos Hollandezes, que uzassem no seu Reino de liberdade de consciencia. Quizerão os Inglezes, que se celebrasse com elles o mesmo contrato; porém os Embaixadores prudentemente responderão, que no que tocava á liberdade de consciencia fariaõ avizo ao seu Principe, entendendo d'elle (como succedeo) que não havia de conceder aos Hollandezes liberdade alguma de consciencia, que não fosse ajustada aos Decretos do Summo Pontifice: que em quanto aos fretes dos navios se uzaria com os Inglezes o mesmo que aos Hollandezes se concedesse: que no Comércio das Ilhas de Africa não deviaõ embaraçar-se, quando não eraõ senhores de outras, como succedia aos Hollandezes, donde a correspondencia fosse igual para os Portuguezes. Julgáraõ os Ministros Inglezes estas propostas arrazoadas, e ajustou-se a paz sem mais declaraçoens, que ser perpetua entre os dous Reys para si, e para seus descendentes: que seus Vassallos seriaõ obrigados a conservar amigavel trato, e Comércio; (entendendo-se debaixo deste artigo poderem os Portuguezes comprar muniçoens, e armas em Inglaterra, e passarem os Inglezes sem embaraço a servir á guerra de Portugal.) Ajustada a paz, se voltaraõ os Embaixadores para Lisboa, e ficou em Londres assistindo aos negocios o Secretario da Embaixada Antonio de Sousa Macedo.

Ajustou-se a paz com Inglaterra.

Voltaõ os Embaixadores.

Embaixada de Hollanda.

Em a mesma maré, que os Embaixadores de França, e Inglaterra, partio de Lisboa por Embaixador de Hollanda Tristaõ de Mendoça. Havia ElRey nomeado a Luiz Pereira de Castro Chançarel da Casa da Supplicação para acompanhar Tristaõ de Mendoça com igual poder (não lhe sendo menos necessario, que aos mais,

hum

Anno
1641.

hum Ministro de letras, e experiencia, que lhe assistisse, por ser a negociação com os Hollandezes a de maior importancia) e por justos respeito se excusou Luiz Pereira da jornada. Entendeo ElRey que suppria esta falta nomeando por Secretario da Embaixada Antonio de Sousa Tavares, Ministro de letras, e sufficiencia. Mandou tambem por Conselheiros nos interesses da mercancia Guilherme Rozem Hollandez, naturalizado, e casado em Lisboa, e Joaõ Nunes Santarem, ambos homens de negocio, que vieraõ a servir de maior embaraço a Tristaõ de Mendoça. Poucos dias depois de sahirem de Lisboa, obrigados de huma grande tormenta entrãraõ em Plemua porto de Inglaterra, onde havia desembarcado D. Antaõ de Almada; acharãõ ancorados no mesmo porto quatro navios de guerra Hollandezes. Tristaõ de Mendoça em quanto amainava a tormenta, sahio em terra, passou encoberto pela posta a Londres, fallou a ElRey, e depois de conferir alguns negocios com D. Antaõ de Almada, tornou a voltar, e acompanhado dos quatro navios, que achou no porto, por ordem dos Embaixadores dos Estados, que assistiaõ em Londres, deo á véla para Hollanda, lançou ferro quatro legoas da Aya. Sahio logo em terra Antonio de Sousa Tavares, e passou a pedir licença aos Ministros, que governavaõ, para poder entrar o Embaixador. Sem difficuldade lhe foy permittida, e recebido o Embaixador com toda a solemnidade. As conveniencias, que resultavaõ aos Hollandezes da separação de Portugal, eraõ faceis de conhecer, durando a guerra entre os Estados, e ElRey de Castella, e tendo empenhado todos os seus interesses nas Conquistas de Portugal, as quaes ficavaõ com esta separação (a seu parecer) no seu arbitrio, julgando pequenas todas as forças deste Reino para resistir ao grande poder de Castella, e que nesta consideração ficariaõ as Conquistas sem soccorros, e faltando-lhes o alimento com a debilidade expostas a poderem elles uzar dos mais leves accidentes, para se fazerem senhores dos lugares em que se achasse maior utilidade. Ajudados da tyrannia, e dissimulado silencio dos Ministros de Castella, occupavaõ os Hollandezes na India Malaca, e na Ilha de

O Embaixador
entra em Ple-
mua, passa a
Londres.

Entra na Aya;

Praças das nos-
sas Conquistas
occupadas dos
Hollandezes.

Anno
1641.

Ceilaõ as Fortalezas de Negumbo, e Gale, com o favor dos Mouros, e Gentios haviaõ fabricado em varias partes grandes Fortalezas, e Povoaçoes. Haviamos tambem perdido Ormuz, entregue aos Persas, os quaes ajudáraõ os Inglezes, invejando todas as naçoens os muitos interesses, que naquellas partes haviamos conseguido. No Brasil occupavaõ os Hollandezes Parnambuco, Paraíba, Rio grande, Ciará, as Ilhas de Tamaracá, de Fernão de Noronha: para a parte do Sul, Porto Calvo, e Segeripe. Os avanços, que tiravaõ destas Conquistas, eraõ grandes, e interessados nelles os de maior poder naquelles Estados. Os muitos annos de posse, e os poucos escrúpulos, que aprendem na falsa doutrina, que leguem, os obrigava a crer, que o direito de conservar o que haviaõ conquistado preferia a qualquer outro sem controversia.

ElRey D. Joaõ fundado nas leys de primeiro possuidor, queria que os Hollandezes restituisssem a esta Coroa o muito que haviaõ roubado della: pequeno Exercito para vencer inimigos taõ poderosos. E ficando só a destreza, e a eloquencia, para remediar tantos impossiveis, necessario era que ElRey com profunda consideraçãõ elegesse o fogeito mais pratico, mais intelligente, e mais entendido de todo o Reino, para que a subtileza venceisse tantas difficuldades. Porém naquelle tempo era taõ pouco o exercicio que havia em Portugal dos negocios politicos, e militares, que não se podem condemnar justamente os que não ajustaraõ com todas as circumstancias, que convinha ás diligencias a que foraõ mandados. A instrucção que Tristaõ de Mendoça levava era que propuzesse aos Estados huma tregoa, e suspensãõ de armas por dez annos em todos os Lugares sujeitos á Coroa de Portugal; e que neste tempo se ajustaria perpetua paz entre hum, e outro Dominio: Que os Estados mandassem a Lisboa vinte navios, para cuja dispeza ElRey offerencia a contribuição, que concordassem, e igual numero de navios, para que unidos com vinte, que lhe dava ElRey de França, pudesse ao mesmo tempo defender a Costa de Portugal, e offender a de Castella; que pedisse aos Hollandezes a restitu-
ção

*Proposta aos
Hollandezes.*

Anno
1641.

ção das Praças occupadas nas Conquistas, porque, livre Portugal da sujeição de Castella, não podia usurpar o que não tocava áquella Coroa: Que ElRey daria aos Estados Comércio livre em todos os portos deste Reino, reduzindo-se as imposições, e direito ao estylo antigo dos Reys de Portugal, com vantagens nos privilegios, e liberdades: Que os Estados permittissem passar á guerra de Portugal todos os Officiaes de Cavallaria, e Infantaria, que fossem necessarios, e da mesma forte Ingenheiros para as Fortificações, e artificios de fogo, e que pudessem comprar os Portuguezes em Hollanda todas as munições, e instrumentos necessarios para a guerra. Offereceo o Embaixador estas propostas aos Ministros dos Estados, e ajustou com elles a confederação seguinte, de que se seguirão em todas as Conquistas da Asia, e da América muito consideraveis danos. Assentaraõ os Estados com a Coroa de Portugal tregoa, e suspensão de armas por espaço de dez annos, e que todos os Subditos de huma, e outra parte se abstivessem de toda a guerra, e prejuizo: Que se ajudassem com todas suas forças em offensa de Castella, e de seus Vassallos, entendendo-se este Tratado no Brasil, e na India, onde se observaria a mesma uniaõ com os Reys aliados de Portugal, e Hollanda, tendo-o elles assim por conveniente, dando-se hum anno de termo para se publicar na India, ajustando-se da mesma forte a segurança de navegarem os navios de ambas as partes, sem offensa alguma dellas, e a igualdade do Comércio; não se alterando a fórma em que se achava ao tempo deste ajustamento. Obrigou-se tambem o Embaixador a que ElRey mandaria outro a Hollanda no termo de oito mezes a tratar da paz, a qual não se ajustando, se não alteraria a tregoa dos dez annos declarados: Que em qualquer das partes, que fosse achada alguma pessoa, que tratasse negociação de Castella contra Portugal, ou contra os Estados, fosse castigada conforme merecesse o delicto, e da mesma forte se julgassem por inimigos cõmuns os Lugares, ou Fortalezas, que tomassem a voz de Castella: Que os moradores de ambas as Nações ficariaõ com o que tivessem adquirido, assim de bens de raiz, como móveis; e havendo du-

Condições de tregoa.

168 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno
1641.

vida nas propriedades, propondo cada hum a sua causa; se observaria de ambas as partes justiça igual: Que os Portuguezes não poderião fretar navios senão os dos Estados, nem permittir comércio ou trato nas Conquistas a alguma outra nação mais que á Hollandeza: e que não poderião fretar em Hollanda navio de menos porte que de 260 toneladas com 16 peças de artilharia, gente, e muniçoens proporcionadas; e que, succedendo achar-se algum navio com menos do ajustado, se poderia tomar por perdido: Que os Portuguezes não pudessem passar Negros a Indias de Castella, nem outra alguma fazenda; e que, achando-se, seria confiscada: Que na Costa de Africa, Ilhas de S. Thomé, e as mais daquella parte todas as fazendas que se tirassem, seriaõ registradas, e pagariaõ direito nos lugares principaes que pertencessem a huma, e outra nação: Que, adquirindo-se algum dominio nas Indias Occidentaes de Castella, seria repartido por igual: Que os Estados se obrigavaõ a mandar á sua custa vinte navios de guerra a Lisboa, para se unirem com outros tantos que ElRey teria aparelhado, e juntos fariaõ guerra aos Castelhanos, e que os interesses seriaõ repartidos igualmente: Que ElRey poderia tirar todos os Officiaes de guerra, que lhe fossem necessarios daquelles Estados; os quaes elles mandariaõ á sua custa, e se obrigavaõ a soccorrellos em quanto assilisses em Portugal: Que da mesma forte poderia tirar de Hollanda todas as muniçoens, e instrumentos militares, que julgasse convenientes para a guerra. Esta era a substancia dos capitulos que se ajustáraõ com os Hollandezes. Incluia o Tratado outros de menos importancia, e nestes havia clausulas muito miudas em ordem aos interesses de Hollanda, e a não restituír o que havia conquistado de Portugal no tempo de Castella. O tempo foy descobrindo que ficavamos prejudicados; porque ainda que nos era precisamente necessaria a paz de Hollanda, resultavaõ aos Estados tantos interesses da separação de Portugal, que se fora esta materia manejada com mais destreza, não ha duvida q se conseguiriaõ na paz maiores utilidades, e não succederaõ depois tantas, e taõ prejudiciaes controversias, que foraõ causa de danos irreparaveis.

raveis. Tristaõ de Mendoça voltou a Lisboa na Armada que mandáraõ os Estados, trouxe con sigo dous Regimentos de Cavallaria, quantidade de armas, e muniçoens, hum dos meliores effeitos da sua jornada pela grande falta que havia dellas neste Reio.

Elegeo ElRey para a Embaixada de Dinamarca, e Suecia a Francisco de Scusa Coutinho, em quem concorriaõ partes muito effenciaes para esta commissaõ. Embarcou-se em hum navio de Dinamarca, levando por Secretario da Embaixada Antonio Moniz de Carvalho, occupado naquella occasiaõ no Desembargo do Porto. Partio a 18 de Março, chegou a 15 de Abril á boca do Zonte, desembarcou junto ao Castello de Conembrog. Estava ElRey taõ vizinho, que logo teve noticia de que era chegada, e por esta causa se passou a Co'oupenhaven Corte daquelle Principe, e cinco legoas distante. Mandou o Embaixador ao Secretario a pedir licença para poder desembarcar, concedeo-se-lhe; entrou na Corte em hum Coche d'ElRey, mas como particular; foy hospedado com muita grandeza. Passadas as primeiras ceremonias, recorreo o Secretario ao Vice-Rey, Ministro principal daquelle Coroa, pedindo-lhe da parte do Embaixador Audiencia. Gastou-se hum mez em excusas apparentes sem conclusãõ algũa, e conhecendo o Embaixador que nascia o embaraço das alianças que ElRey de Dinamarca tinha com a Casa de Austria, e dependencias em q̄ estava com ElRey de Castella, mandou ao Secretario que dissesse ao Vice-Rey, que ou se lhe desse Audiencia, ou licença para se partir a outras partes a que o chamavaõ occupaçoens de grande importancia. Sem embargo respondeo o Vice-Rey que o seu Principe se achava com difficuldades insuperaveis, porque ainda que desejava sũnamente a amizade d'ElRey de Portugal, os negocios daquelle Coroa com a de Castella eraõ de qualidade, q̄ lhe prendiaõ o alvedrio para o receber com demorstraçoens publicas: q̄ se tivesse algum negocio q̄ conferir, lhe apontaria Ministro com q̄ o tratasse, e se quizesse daquelle Reino algũa cousa q̄ fosse necessaria para a defenõsa de Portugal, passaria logo ordem para q̄ se lhe desse: e a estes se foi atando hũa larga cadeia de complimentos, ficando ligada a

Anno

1641

Volta o Embaixador com Armada, e soccorro.

Embaixada de Suecia, e Dinamarca.

Chega o Embaixador a Dinamarca.

Negase-lhe Audiencia publica.

outra

Anno
1641.

outra de dependencias a vontade daquelle Principe. A estas offertas respondeo o Embaixador: Que dar-se-lhe, ou não audiencia, era ponto indivisivel, e que visto negar-se-lhe, se lhe permittisse licença para se partir, ficando nelle vivo o agradecimento da cortezia, que como particular havia recebido naquella Corte: Que em quanto a tratar negocio com Ministro algum, lho não dispentava haver-se-lhe negado audiencia: Que das offertas do soccorro se não valia, por ter deixado as prevençoens de Portugal independentes dellas. Entendeo o Vice-Rey da resposta a justa queixa do Embaixador, havia-lhe ElRey dado ordem para a suavizar quanto fosse possível: disse ao Secretario. Que Sua Magestade teria grande gozto de que o Embaixador quizesse ver o Castello de Fredesborg, lugar de recreação, onde ElRey iria a lhe fallar, porque ficaria com grande pena de que se partisse sem poder velo. Pareceo ao Embaixador, que este era o caminho de se concluir algum ajustamento, e aceitou a offerta. No mesmo dia veio a casa do Embaixador hum Almirante, que o havia levado deste Reino, a entregar-lhe da parte d'ElRey dous mil cruzados, que recebera de frete. Não podendo o Embaixador deixar de os aceitar pela apertada ordem, que o Almirante trazia, os mandou repartir pelos Officiaes, e Soldados, que o haviaõ comboiado. O dia seguinte conduzio o Vice-Rey o Embaixador ao Castello de Fredesborg, cinco leguas distante da Corte, por caminho tão deleitoso, que parecia mais breve a jornada. Chegou ao Castello, o qual julgou de fabrica maravilhosa, e entrando nelle admirou a magnificencia, e adorno, occupando grande espaço a vista em pinturas, e estatuas excellentes. deraõ-lhe recado de que ElRey o esperava para lhe fallar; obedeceo, e achou em ElRey as maiores demonstrações de affabilidade. Repetio-lhe as desculpas de lhe negar a audiencia, e as mesmas offertas, que o Vice-Rey havia feito ao Secretario: respondeo o Embaixador pela mesma linguagem de que havia usado na primeira proposta dizendo: Que lhe não ficava occasião mais, que de agradecer os favores particulares, visto negar-lhe Sua Magestade audiencia publica. Convidou-o ElRey a jantar;

Falla a ElRey
em particular.

sen;

sentou-o comfigo á mesa, e a seu cunhado Joaõ de Roxas de Azevedo, que levou nesta jornada, e ao seu Secretario, dando ao Embaixador melhor lugar, que a seu filho o Conde Valdomáro. Foraõ dilatadas as horas da mesa, assistio a ella a Nobreza principal da Corte, e á sua vista brindou ElRey à faude d'ElRey D. Joaõ, e confessando-lhe este Titulo publicamente, fez mais condemnada a resolução de lhe naõ aceitar o Embaixador. Foy elle despedido acabada a mesa com as mesmas ceremonias com que havia entrado. Deste Lugar continuou a jornada para Suecia, havendo-lhe chegado licença da Rainha, que havia pedido por via do Assistente daquelle Reino, que estava na Corte de Dinamarca. Nas Provincias por onde passou de Esmolandia, Ostrogozia, Sudermanlandia, achou prevenida magnifica hospedagem. Chegou á Cidade de Estocolmia, onde assistia a Rainha, e logo foy visitado da sua parte, finalando-lhe audiencia para dahi a dous dias. acabado o prazo; veio buscar ao Embaixador grande parte da Nobreza daquelle Reino, e com todas as ceremonias de maior ostentação foy conduzido ao Paço. Achou que os hombros de huma galharda Dama sustentavaõ o pezo daquelle Monarquia da Rainha Christina, que naõ passava naquelle tempo de quinze annos, descobria no generoso aspecto os alentos de Gustavo Adolfo seu glorioso Pay, morto na batalha de Lusen, quando com as esperanças mais seguras suppunha toda Europa sendo despojo do seu valor, atada ao carro dos seus triunfos. As mostras do semblante varonil de Christina dissimulavaõ a fragilidade da natureza, e dos annos, e proporcionavaõ o emprego da Coroa. As acçoens desta excellente Princeza déraõ pelo tempo adiante verdadeiro testemunho das disposicoens, que nella se admiravaõ nos primeiros annos, pois deixando generosamente o proprio, e bellicoso senhorio por detestar a cegueira herética, se passou a viver em Roma, querendo beber na fonte o licor suave da Evangelica doutrina, sacrificando pia, e religiosamente no Altar de Nossa Senhora do Loureto o Sceptro, e a Coroa, e merece naõ só por esta heroica acção o affecto universal, senaõ tambem pelas grandes virtudes, e sciencias

Anno
1641.

Parte para Suecia.

Chega a Estocolmia.

Tem audiencia da Rainha.

Elogio da Rainha de Suecia.

Anno
1641.

cias incomparaveis, que nella resplandecem. Quando entrou o Embaixador estava sentada debaixo de hum do-
cel, assistindo-lhe cinco Tutores, que seu pay lhe havia
deixado, e que com ella governavao o Reino: junto do
estrado á maõ direita tinhao assento tres pri nas tuas, fi-
lhas do Conde Palatino, todas de excellente for nosura,
a que se seguiao outras muitas Damas. Tanto que chegou
o Embaixador á porta da ante-camera, se levantou a Rai-
nha, e dando tres passos lhe fez huma pequena inclina-
çãõ. Ouvio a Embaixada em Latim, respondeo na mes-
ma lingua, que fallava com grande perfeiçãõ, e da mes-
ma sorte todas as de Europa: costumando dizer discretamente:
Que he grande o perigo de quem naõ sabe mais,
que a propria lingua, porque ficará sem falla mudo, se
perder o uso della. Aceitou com grande contentamento
as offertas da amizade de Portugal, e naõ perdoou a cir-
cunstancia alguma, que justificasse o seu affecto. O dia
seguinte ao da audiencia deo principio á negociaçãõ, a
qual ajudou muito o Barãõ de Roche Embaixador d'El-
Rey Christianissimo naquella Corte. Apontou a Rainha
por Ministro da conferencia ao Graõ Chançarel, a que
assistiaõ dous Senadores; houve poucas controversias, pe-
la muita uniãõ das vontades, ajustou-se a paz, e lançaõ-
se os Capitulos della em lingua Latina; continhaõ elles:
Observar-se entre as duas Naçoens igual correspondencia,
e livre Commercio em todos os portos de hum, e outro
Reino. Concedeo a Rainha ao Embaixador tres navios de
guerra, em que trouxe artilharia, armas, e munições,
segurando o retorno nas varias drógas, de que abunda
Portugal. Nestes navios se embarcou o Embaixador; nel-
les chegou a Lisboa a salvamento: passando pelo Zonte
lhe naõ visitaraõ os navios, favoravel demonstraçãõ, que
ElRey de Dinamarca mandou, que se uzasse com elle. Foy
a paz de Suecia de grande importancia a Portugal, pela
grande reputaçãõ, que naquelle tempo as armas daquel-
le Reino haviaõ conseguido em Europa, sendo a Casa de
Austria a mais prejudicada nos seus progressos.

A Embaixada que cançou mais os discursos; e
que verdadeiramente se devia ventilar com maior cuida-
do,

*Entra o Embai-
xador em con-
ferencia com os
Ministros da
Rainha.*

*Ajusta-se a paz
com Suecia.*

do, era a de Roma: Considerava-se, que em nenhuma fórma podia prejudicar a dilação do Embaixador, porque tentar o animo do Pontifice Urbano VIII, que naquelle tempo governava a Igreja, era prudencia, que elle havia de agradecer, e o mundo não podia condemnar. Vendo que, guiadas as nossas acçoens dos passos da madura ponderação, sabiamos sondar os animos, e achar fundo nos interesses, que prezos de ancora tão segura não poderia perigar em alguma tempestade: e que quando o Pontifice se resolvesse, superado o conhecido obstaculo de Castella, a reconhecer ElRey de Portugal; facilmente com a certeza desta resolução se poderia despedir o Embaixador; e que se acaso prevalecessem no seu animo as conveniencias dos Castelhanos, muito devia obrigar-se da attenção d'ElRey, não querendo embaraçallo sem determinação sua em empenho tão consideravel: e que supposto se entendia, que o animo do Pontifice era Francez, que esta mesma voz o faria attento aos interesses de Castella, querendo mostrar a justiça igual, sendo esta imaginação pequena segurança para o empenho, que se buscava; pois o perigo de se voltar o Embaixador sem ser admittido do Pontifice, não devia ceder á mais poderosa apparencia do bom successo, fazendo este muito contingente a certeza do poder, que ElRey de Castella sustentava em Roma. Os que defendião a opiniaõ contraria, diziaõ que, dilatando-se a Embaixada, se dava motivo ao Pontifice a não querer aceitallá, quando depois se lhe mandasse; e que, espalhando a industria dos mal affectos esta apparente falta de religião, causaria movimento nos animos dos Povos, nos quaes por semelhante causa acha sempre disposiçãõ o desasocego: que tambem era preciso não expôr na consideração das naçoens duvidosa a vontade do Pontifice, o qual religiosamente deviamos suppor mais attento á justiça, que applicado aos interesses. E que ainda que nos arriscalessem ao deser de não ser admittido o Embaixador, o que parecia impossivel conhecendo-se o animo do Pontifice inclinado a França, que nas proposiçoens do requerimento faria ElRey publica no mundo a sua justiça, achando sem duvida a parcialidade

Anno

1641.

*Considerações
que difficulta-
vãõ a Embai-
xada de Roma.*

*Razões em con-
trario.*

Franci

Anno
1641.

D. Miguel de Portugal he nomeado Embaixador a Roma.

Chega o Embaixador a Arrochella.

Passa a Pariz.

Franceza propicia, e empenhada em beneficio nosso, assim por encontrar as dependencias de Castella, como por serem os Ministros daquella Coroa os que fomentavaõ a opiniaõ de se naõ dilatar a Embaixada. E que finalmente com a Igreja nenhuma demonstraçaõ era arriscada, sendo os mais humildes os que mereciaõ a maior Coroa. Prevalleceõ esta opiniaõ, e nomeou ElRey por Embaixador a Roma a Dom Miguel de Portugal, Bispo de Lamego, irmaõ do Conde de Vimioso: tinha de idade aquelles annos, em que o valor anda mais activo, preciso para a jornada, que emprendia, e ornava-se esta virtude, que se achava na sua pessoa, de entendimento, e letras, que o habilitavaõ para esta occupaçaõ. Elegio ElRey para lhe assistir a Pantaleaõ Rodrigues Pacheco, Inquisidor do Conselho geral do Santo Officio, declarando-o Agente dos negocios de Portugal na Corte de Roma; achavaõ-se nelle com grande igualdade as letras, e as virtudes. Foy por Secretario da Embaixada Rodrigo Rodrigues de Lemos, Desembargador do Porto, em quem concorriaõ todas as partes, que pedia este emprego. A 15 de Abril partiraõ de Lisboa, entraraõ na Arrochella, onde o Bispo desembarcou, foy hospedado do Graõ Prior de França com grande magnificencia, e parecendo-lhe necessario conferir com o Monteiro mór, Embaixador de França, os negocios de Italia, se resolveo passar a Pariz. Fez a jornada em treze dias, chegou á Corte, fallou a ElRey, á Rainha, e ao Cardial. Levando ajustado com ElRey, e com o Monteiro mór o que lhe pareceo mais conveniente, se partio para Italia. Deteve-se em Avinhaõ esperando que passassem as mutaçoẽs, tempo perigoso para entrar em Roma. A 20 de Outubro embarcou em Tolon, e dentro em poucos dias deo fundo em Civita Vechia, que dista treze legoas de Romá. Fez avizo de que havia chegado ao Marquez de Fontane, Embaixador d'ElRey Christianissimo naquella Corte, o qual sem dilaçaõ lhe mandou parte da sua familia, bem armada, para o acompanhar, a que se juntaõ trinta Portuguezes, e alguns Catalães. Alterou-se o Pontifice com a noticia de ser chegado o Embaixador de Portugal: porẽm naõ tendo pretexto para lhe impedir que entrasse

entrasse em Roma, ordenou ao Cardial Antonio Barbarino mandasse segurar-lhe a estrada, constando-lhe, que os Castelhanos não podendo impedir ao Bispo, que desembarcasse, intentavaõ em offensa sua no caminho algum movimento. Com esta segurança não encontrando o Bispo de Lamego embaraço, chegou a Roma: apeou-se em casa do Embaixador de França, onde ficou recebendo na hospedagem todos os obsequios devidos á sua authoridade. Durou a assistencia em casa do Embaixador muitos dias, e para se passar a hum Palacio, que tornou na Praça Naona, lhe foy necessario grande instancia, por ter o Embaixador ordem d'ElRey de França para o deter em sua casa até conseguir Audiencia do Pontifice, achando esta uniaõ o meio mais proporcionado de controverter as negociações de Castella.

Assistia em Roma por Embaixador d'ElRey Catholico naquelle tempo D. Joaõ Chumaceiro. Dentro de poucos dias veio rendello o Marquez de los Valles com titulo de Embaixador extraordinario. Antes que o Bispo chegasse haviaõ celebrado os poucos Portuguezes, que estavaõ em Roma com taõ publicas demonstraçoens a noticia da Acclamação d'ElRey, que passáraõ a parecer excessos, se o valor dos Portuguezes não fora costumado a vencer os maiores obstaculos. Sinalou-se entre todos Bras Nunes Caldeira, Provedor aquelle anno do Hospital de Santo Antonio, que naquella Corte chamaõ dos Portuguezes; porque succedendo celebrar-se a festa do mesmo Santo, e sendo costume assistir nella o Embaixador d'ElRey Catholico, função que lhe tocava como a Embaixador de Rey de Portugal, deliberou Bras Nunes Caldeira, que havia de defender ao Embaixador de Castella a entrada da Igreja. Juntou alguns Portuguezes, que se resolveraõ a acompanhallo, e sem reparar no perigo a que se expunha não só pela differença do poder que os Castelhanos tinhaõ em Roma, senão pelo crime de juntar publicamente armas de fogo taõ defendidas naquella Corte, que o delinquente, que se acha com ellas, não differre mais que 24 horas da culpa á morte. Juntou todo o genero de armas, que lhe foy possível, offensivas, e defensivas;

Anno
1641.

Chega a Roma.

*Ação valerosa
de Bras Nunes
Caldeira.*

176 PORTUGAL RESTAURADO ;

Anno

1641.

Remete o Pontifice os negocios do Embaixador a alguns Cardiaes.

Apreseta Pantaleão Rodrigues hum memorial com o direito d'El Rey.

Difficultades propostas pelo Cardial Francisco Barbarino

tivas; occupou os postos, que podiaõ facilitar o seu intento; e constando ao Pontifice, e ao Embaixador de Castella a sua deliberação, nem o Embaixador se arrojou a divertilla, nem o Pontifice quiz castigalla; privilegio das acçoens grandes, que até os offendidos costumão amparallas: e não só este anno ficou divertida a assistencia que os Embaixadores de Castella faziaõ em Santo Antonio, senão que passou a todos os seguintes, não tornando a intentalla. Depois de chegar a Roma o Marquez de los Valles, remeteo o Pontifice os negocios de Portugal aos Cardiaes Nepotes Francisco Antonio Barbarino, ao Cardial Caietano, e ao Cardial Pamphilio, que com o nome de Innocencio X succedeo a Urbano no Pontificado. As supplicas se encaminhavaõ ao Cardial Francisco Barbarino, offerecia-lhas Pantaleão Rodrigues, acodia às Audiencias como Agente dos negocios de Portugal, e a tudo o mais, que pertencia ao fim, que se procurava. O Papa, em quanto se não tomava a ultima resolução, mandou ordem ao Bispo Embaixador para que não passeasse pela Corte em publico. Fez Pantaleão Rodrigues a primeira supplica aos quatro Cardiaes no meados, foy nas apparencias bem admittida, e respondeo a ella o Cardial Francisco, que desejava ver o direito com que El Rey de Portugal se introduzira na Coroa. Replicou Pantaleão Rodrigues, que El Rey D. João mandava Embaixador á Sé Apostolica a dar obediencia ao Summo Pontifice, e não a esperar decisaõ, ou confirmação alguma de Sua Santidade, pois era Senhor de hum Reino isento no temporal de todo o Juizo humano: porém que por obviar as interpretaçoens dos politicos, satisfaria á curiosidade do Cardial. No dia seguinte levou em hum memorial deduzido o direito d'El Rey á Coroa, que occupava, com razoes tão claras, e tão bem fundadas, que escurecêraõ todas as apparentes proposiçoens, que os Castelhanos haviaõ espalhado em varios manifestos. Esperando deste papel Pantaleão Rodrigues a resolução de ser o Embaixador admittido a Audiencia, lhe declarou o Cardial Francisco, que Sua Santidade via nesta Embaixada mais demonstraçoens apparentes, que obediencia, e respeito á Sé Apostolica: porque

Anno
1641.

que a retenção das Capellas, que em Portugal se haviaõ usurpado á Igreja, continuava, violando-se por este caminho a immuniidade Ecclesiastica, e aprovando-se com a contumacia o pernicioso exemplo da expulsão do Bispo de Nicaastro Colleitor Apostolico, occasionada por este respeito: Que a esta prejudicial resolução se acrescentava o grave escandalo, que a toda a Republica Christãa tinha dado a prisão do Arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos: (que ja neste tempo havia commettido os delictos, que adiante referiremos) e que, consideradas estas razoens, se julgava preciso que o Arcebispo fosse posto em sua liberdade, e se lhe restituíssem seus bens, ou ao menos o remettessem em Custodia a Roma, para que o Summo Pontifice como seu legitimo Juiz julgasse o seu delicto: que as Capellas se restituíssem á Igreja, sem se interpôr duvida, nem embaraço: que com estas demonstraçoens se conciliaria o animo de Sua Santidade para admittir a Embaixada. Satisfez Pantaleão Rodrigues a esta proposta dizendo: que ainda que a commissão do Bispo Embaixador se não extendia a mais, que a dar obediencia ao Summo Pontifice, não parecia licito gravar com encargos o acto de huma acção voluntaria, o que sendo contra todo o direito universal, excusava o Embaixador de não trazer poderes para tratar o que se não suppunha que pudesse acontecer; que fiado na piedade Catholica d'El-Rey seu senhor prometia da sua parte, que a duvida das Capellas se ajustaria com a conclusão mais favoravel á Igreja, mandando Sua Santidade Nuncio Apostolico a Portugal, como haviaõ feito sobre semelhantes Concordatas os Pontifices Joaõ XXI. e Xisto IV. em tempo dos Reys D. Affonso V. e D. Joaõ segundo: porque esta materia era taõ embaraçada, que tiveraõ as duvidas della principio no anno de 1604. cuja ley, desde aquelle tempo estabelecida, havia derogado o Colleitor com escandalo universal. Que em quanto á resolução do Arcebispo de Braga, Sua Magestade não havia excedido as permissoens do Direito Canonico; porque sendo o Arcebispo convencido no crime de lesa Magestade, o não eximia o foro Ecclesiastico não só da prisão, mas nem da

*Resposta de Pan-
taleão Rodri-
gues.*

Anno
1641.

morte, de que havia varios exemplos no Mundo; porém que Sua Magestade, para que não ficasse acção alguma sua elcrupulosa, mandaria entregar os autos do Arcebispo aos Juizes, que Sua Santidade apontasse em Lisboa, prohibindo-lhe remettellos a Roma assim o perigo de poder por qualquer accidente cahir nas mãos dos Castelhanos, como a difficuldade de se lhe haver de formar culpa em Roma daquella Magestade, que o Summo Pontifice não reconhecia por coroada. Estas satisfaçoens atalharão com o Cardial Barbarino os pretextos, que buscava para a dilação, que ju gava precisa, vendo que não era razão detenganar ao Embaixador de Portugal, nem conveniente offender o Embaixador de Castella. E ultimamente antepoando a politica á justiça, apertando Pantaleão Rodrigues pela ultima resolução, faltando razão ao Cardial, faltaraõ-lhe razoens; de que se originou causar-se de fórte das instancias do Agente, (defeito ordinario de quem sem razão offende) que com demonstraçoens escandalosas dava a entender a Pantaleão Rodrigues nas audiencias publicas o seu enfado. Vendo pois o Bispo Embaixador as duvidas, que cada hora cresciaõ na sua pretenção, buscou todos os caminhos, que as podiaõ facilitar, e em todos achou cortados os passos pelas negociações de Castella. Este successo fazia diferente effeito no Marquez de los Valles, porque vendo as suas diligencias bem logradas, tomou animo para maior empreza, e determinou tirar de Roma, na pessoa do Bispo de Lamego, hum dos maiores obstaculos, que de presente julgava, que o seu Principe tinha para a restituição da Coroa de Portugal, tendo por certo, que, permittindo o Pontifice audiencia ao Bispo, confirmava a acclamação d'ElRey, e lhe facilitava por este caminho as alianças dos Principes de Europa; consequencia, que segurava a defeusa deste Reino. Nesta consideração buscou pretextos para publicar queixas sem fundamentos, que são faceis de achar em quem negocea seguro no poder, e no cabedal. O Bispo alcançou nestes dias audiencia de alguns Cardiaes, que o trataraõ com honras de Embaixador; acompanharaõ-o a estas vizitas os seus criados com algũas insignias

*Diligencias do
Marquez de los
Valles Embai-
xador de Castel-
la.*

Anno
1641.

signias só permittidas aos Embaixadores. Inferio o Marquez desta novidade, que o Bispo havia conseguido audiencia do Sūmo Pontifice na fórma, que desejava. Multiplicou as queixas com tão immodestas supplicas, que opprimido o Summo Pontifice com a memoria em Castella, e o cuidado em Napoles, declarou: Que não aceitava a Embaixada do Bispo de Lamego. Constando-lhe ao Marquez de los Valles a certeza deste Decreto, applicou á paixã os ultimos alentos, e sem mais consideração, que a da ira, nem mais attenção, que a da furia, determinou prender o Bispo de Lamego, e remettello a Napoles, seguindo o exemplo do Marquez de Castello Rodrigo, que havia tomado a mesma resolução com o Principe de Sans, por huma leve suspeita de que o Principe tinha intelligencias com França; e fazendo-lhe cortar a cabeça, deo motivo a hum dos maiores escandalos da Europa. Com este erro por Norte determinou o Embaixador de Castella executar a empreza de prender hum Prelado na Corte de Roma, seguro na fé do Pontifice, sem mais causa, que achar favoravel a sua resolução, suppondo-a poucos dias antes da parte das prevenções do Bispo; desconcerto universal da natureza humana, que tanto adoece de fraca, como de forte; e assim a debilita o sangue que lhe falta, como a suffoca o que lhe sobra. Resoluto o Marquez a executar este intento, juntou em Roma, por intervenção do Principe Galiano da Casa Colona, dependente de Castella, duzentos bandidos, unico acerto desta empreza, sendo só homens de vida tão larga, proporcionados para a execução deste delirio; e querendo honestiar o rumor, que em Roma causavaõ as suas prevenções, fez pôr fogo a huma pequena porta, que sahia do seu Palacio, e publicou, que os Portuguezes haviaõ sido authores desta insolencia; e com este pretexto chamou a Roma Officiaes, e Soldados de Napoles. O Pontifice constando-lhe das prevenções do Embaixador de Castella, buscou dous caminhos de atalhalas: hum, mandando segurar com grande numero de Soldados as partes suspeitosas: e dando ordem para que sahissẽ de Roma todos os vagabundos, com que dimi-

Declara o Pontifice, que não aceita a Embaixada de Portugal.

Junta o Marquez de los Valles os bandidos, e convoca os Soldados.

Prevenções do Papa.

Anno
1641.

*Avizos que se
dão ao Bispo
Embaixador.*

nuio muito a familia do Marquez de los Valles: outro; ordenando ao Bispo de Lamego que se acompanhasse de pouca familia, e que o seguro da sua palavra, e das prevençoens, que mandava fazer, podiaõ livrallo de todo o receio. Estando de huma, e outra parte as materias na disposiçaõ referida, e acompanhando-se o Bispo Embaixador só de dous Gentis homens, e dous lacaios, conforme a ordem do Pontifice, chegou em 20 de Agosto o effeito, que se podia esperar de tanta resoluçaõ desconcertada. Sahio o Bispo de Lamego ás cinco horas da tarde a visitar o Embaixador de França, acompanhado da familia, que lhe estava destinada: Era hum dos Centis homens Diogo de Barcellos, antigo criado de sua casa. Examinou a sua attençãõ, que seguia a carroça do Bispo huma espia dos Castelhanos; advertio-o ao Bispo, o qual mandou logo chamar hum confidente, a que ordenou que fosse a casa do Embaixador de Castella, e que achando alguma novidade, lhe fizesse avizo em casa do Embaixador de França, para onde hia. Não tardou muito com a certeza de que achara em casa do Embaixador prevenindo-se gente, armas, e carroças. Confirmou esta noticia Pantaleaõ Rodrigues: porque tendo naquella tarde Audiencia do Cardial Barbarino, soube delle que o Marquez de los Valles estava resolutõ a buscar occasiãõ de se encontrar com o Bispo, e valer-se della para o matar, ou prender: e pedindo o Cardial a Pantaleaõ Rodrigues quizesse persuadir ao Bispo que não sahisse aquella tarde de sua casa, elle lhe respondeo que ja quando elle sahira ficava fóra della. Obrigado de huma, e outra noticia lhe pareceo ao Bispo que era necessario prevenir-se para que o não colhesse o Embaixador de Castella desarmado. O Embaixador de França desejou persuadir ao Bispo que ficasse em sua casa, dizendo que como não era novidade ser seu hospede, que ninguem poderia censurar esta acçaõ: porém o Bispo advertido, e valeroso, em nenhum caso admittio esta proposta; o que vendo o Embaixador de França, mandou juntar a sua familia á do Bispo, e a estas se unirão alguns Portuguezes, e Catalaens, que andavaõ em Roma: chegáraõ todos

*Prevençoens
contra os Cas-
telhanos.*

dos juntos ao numero de sessenta pessoas. O Embaixador de França por evitar a confusão, e desordem, nomeou por Cabo desta gente ao seu Mestre de Camera, chamado Lucach, pessoa de que fazia grande confiança. Feita esta prevenção, entrou o Bispo em huma carroça com quatro Gentes nomens, sem mostrar sobresalto algum, herdando o valor, e constancia de seus antigos predecessores: Seguia-o a mais gente, huns em carroças, e outros a pé; mas de sorte repartidos, e caminhando as carroças tão devagar, que todos se acharam juntos. Pouco havia o Bispo andado, quando lhe fizerao avizo, que o Marquez de los Valles se vinha chegando: mandou aos cocheiros, que não parassem, e vierão a topar-se as carroças dos dous Embaixadores em huma volta, que faz a rua de Santa Maria in via. Gritaram os Castelhanos, que fizessem alto ao Embaixador de Castella, responderão os Portuguezes, que parassem ao Embaixador de Portugal. Sem dilação sahiraõ os Castelhanos das carroças, o mesmo fizeraõ os Portuguezes, e Francezes: de huma, e outra parte se dispararam quantidade de carabinas, e pistollas, de que logo ficaram mortos, dos que acompanhavaõ o Bispo, hum Maltez parente do Embaixador de França, dous pagens seus, e hum criado de Pantaleão Rodrigues: dos Castelhanos cahiraõ mortos oito, em que entrou o Capitão D. Diogo de Vargas, e ficaram vinte feridos. O estrago das armas de fogo se accrescentou com os golpes das espadas, que os Portuguezes sabem esgrimir com grande destreza. Carregaram os Castelhanos com tanto valor, que em breve espaço desampararam ao Marquez de los Valles, que se não havia até aquelle tempo sahido da carroça, e vendo-se só perturbado do receio sahio pelo espaldar della, e salto de alento, esquecido da reputação, perdido o chapeo, e descomposta a capa, se recolheu á logea de hum biscouteiro, donde passou á casa do Cardial Albernoz, que ficava vizinha. O Bispo de Lamego sahio da carroça, em que hia, no principio da pendencia com hũa carabina nas mãos, e em quanto ella durou deu valerosamente calor aos que o acompanhavaõ: acabada ella, se recolheu á casa de hum Italiano em quan-

Anno,

1641

Fineza do Embaixador de França.

Encontro dos dous Embaixadores.

Sabe descomposta o Marquez de los Valles.

Anno

1641.

*Recolhe-se o Bispo
po victorioso.*

to as carroças se prevenião, e os mortos se retiravaõ. Voltou para o Palacio do Embaixador de França, donde, locegado o rumor, se retirou ao seu aposento. A carroça do Embaixador de Castella esteve dous dias feita pedaços no lugar da pendencia, sem haver quem a recolhesse, que tal era o desacordo com que ficou o Marquez de los Valles, e a sua familia. Veio logo visitar o Bispo de Lamego da parte do Cardial Barbarino hum Gentil-homem seu, agradeceo o Bispo o comprimento sem se queixar do successo. Os Cardiaes da facção de Castella, e todos os que seguiaõ aquelle partido, acodiraõ logo a casa do Marquez de los Valles: á do Bispo de Lamego vieraõ o Duque de Brechano, e muitos dos dependentes de França. O Cardial Antonio montou a cavallo, e seguiu a Cidade com varios corpos de guarda, que repartio pelas ruas. No dia seguinte a este successo determinou o Marquez de los Valles fahir-se de Roma sem dar conta ao Pontifice: porém persuadiraõ-o os parciaes a que lhe fallasse, por naõ accrecentar o justo sentimento com que estava da sua demazia. Obrigado deste conselho pedio o Marquez audiencia, e usando nella de pretextos apparentes para se fahir de Roma, o Papa o despedio com breves, e graves palavras. Passou-se o Marquez para a Cidade de Aquila, e este seu retiro gravou na opiniaõ de todos mais o seu excesso, e fez de todo evidente a sua imprudencia. O Bispo de Lamego entendeu que deste accidente havia de resultar o bom successo da sua Embaixada, suppondo que naõ podia o Pontifice achar melhor satisfacção do insulto commettido pelo Marquez de los Valles em offensa da sua authoridade, e discredito da sua palavra, que recebello como Embaixador de Portugal. Sobre este bem fundado discurso assentou as mais efficazes diligencias, applicou todas as negociações, multiplicou as maiores instancias: porém achando mais que nunca cerrados os ouvidos do Pontifice, negando-se a audiencia do Cardial Barbarino a Pantaleaõ Rodrigues, e havendo recebido ordem d'ElRey, que se passado hum anno de assistencia de Roma, que se contava em 20 de Outubro; a que estava proximo, naõ houvesse conseguido aceitar

*Sabe de Roma o
Marquez de los
Valles.*

o Summo Pontifice a Embaixada, se voltasse a Portugal, se resolveo por ultimo delengano a fazer huma supplica a Sua Santidade, cujas razões eloquentes, e bem fundadas continhão todo o direito d'ElRey á successão da Coroa de Portugal, a posse pacifica em que estava não só do Reino, tenão de todas as Conquistas delle, a humildade, e promptidão com que mandára dar obediencia a Sua Santidade, que era pallado hum anno sem poder conseguir audiencia, por haverem prevalecido as cavilosas diligencias dos Castelhanos, tão poderosas, que obrigavao a Sua Santidade a negar a ElRey Dom João o que os Summos Pontifices seos gloriosos Predecessores haviaõ concedido não só a todos os Principes Christãos legitimos possuidores das suas Coroas, como elle era, mas ainda aos intrusos, hereges, e infieis, que se quizerão sujeitar a esta obsequiosa cerimonia: e que ficando ElRey com as diligencias, que havia feito, livre de escrupulo dos danos, que ao espirital do seu Reino forçosamente haviaõ de resultar, esperava que estes corresse por conta, para dar no Tribunal mais Supremo, dos que aconselhavaõ a Sua Santidade; e que além destas justificadas queixas, constando a ElRey a pouca segurança com que vivia naquella Corte, o mandava se voltasse a Portugal, não havendo conseguido audiencia até o fim do mez de Outubro, em que prefazia o termo de hum anno de assistencia de Roma: porém que elle esperava, que S. Santidade usando da sua piedosa grandeza, quizesse conceder-lhe audiencia merecida de justiça, e remedio da afflicção, que padecia Portugal de presente, e dos males que se temiaõ de futuro. Não foy de algum effeito esta ultima diligencia, respondendo o Cardial Biche ao Bispo de Lamego por ordem do Sumo Pontifice, que a Congregaçãõ dos Cardiaes havia determinado, que a Embaixada não fosse admittida, assim pelos accidentes de novo acontecidos, como porque tendo o Estado da Igreja guerra com o Duque de Parma, não podia pôr se em risco de quebrar com os Castelhanos, guerra que teria mais formidavel ao Estado da Igreja, pelo grande poder, que ElRey Catholico tinha em Italia, e pela muita vizinhança, que havia de Na-

Anno

1641.

*Ultima supplica
do Bispo Embaixador ao Papa.*

Resposta ao Embaixador cõ delengano.

Anno
1641.

Naõ admitte o Bispo audiencia como particular.

Parte de Roma, e chega a Portugal.

poles a Roma. Desenganado o Bispo com esta ultima determinação, se resolveo partir-se para Portugal. O Pontifice parecendo-lhe, que suavizava os agravos referidos com permittir ao Embaixador audiencia como Bispo de Lamego, lha mandou offerecer: nesta fórma naõ quiz elle aceitalla, dizendo, que naõ era aquelle o fim para que o seu Principe lhe entregára a commissão, que trouxera. Partio-se tambem sem fazer cerimonia alguma com o Cardial Francisco Barbarino; porque como estava com tanta razeão queixoso, julgou que naõ eraõ precisas todas as demonstraçoens, que fizessem mais publico o seu sentimento. Embarcou-se em Liorne, e em poucos dias chegou a Lisboa, onde as suas acçoens, ainda que com máo successo, lograraõ o applauso que mereciaõ, por serem dispostas com grande valor, e prudencia. Durou-lhe pouco tempo a vida, e as suas virtudes fizeraõ geralmente sentida a sua morte.

No mesmo tempo, que succederaõ os varios casos de que temos dado noticia, havia ElRey solicitado todos os caminhos de segurar a defenza deste Reino, e procurado juntamente trazer a elle todos os Portuguezes, que por varias partes andavaõ divididos em serviço d'ElRey de Castella. Constando-lhe, que D. Rodrigo Lobo havia chegado com alguns navios a Cartagena de Indias, derrotado de hum temporal, havendo sahido de Lisboa dous annos antes por General de huma Armada, que passou ao Brasil, e padecido os infortunios, que experimentou o Conde da Torre, quando intentou restaurar Pernambuco, e que com D. Rodrigo vinha embarcado Joaõ Rodrigues de Vasconcellos Conde de Castello Melhor, e outros Fidalgos dignos de toda a estimaçaõ, se resolveo a fazer-lhes avizo, e quiz na brevidade anticipar-se ao que de Castella se havia de mandar aquella parte, podendo resultar desta diligencia passar-se D. Rodrigo a Portugal sem embaraço. Elegeo para esta jornada a Joaõ Páes de Carvalho, habilitando-o assim o ter capacidade, como haver estado muito tempo em Cartagena. Partio de Lisboa em huma caravela em cinco de Janeiro com vento prospero; chegou brevemente ás Ilhas de Barú, cinco legoas de

Diligências d'ElRey para se recolherem os Fidalgos, que estavam nas Indias.

de Cartagena, onde deixou a caravela, e passou a Cartagena em hum batel; levava algumas cartas, que El-Rey mandou lançar sobre huns sinaes em branco, que se acharaõ d'ElRey de Castella na Secretaria de Estado: levava outras assignadas pela Duqueza de Mantua, que firmou obrigada ou do receio, ou das instancias. A confusão daquelle tempo occasionou o desfazerto das cartas; porque suppondo-se, que era General da frota de Indias D. Jeronimo de Sandóval, que o havia sido, se lançaraõ as cartas em seu nome, e se puzeraõ para elle os sobrecritos das que lhe tocavaõ. Outras que hiaõ para D. Rodrigo Lobo continhaõ ordem, para que viesse comboiando a frota, e que na altura das Ilhas acharia vinte fragatas de Dunquerque, que se haviaõ de incorporar com elle, para segurar a frota da Armada de França, que a esperava. As cartas escritas a Dom Jeronimo eraõ ordens apertadas, para que naõ embaraçasse o que se ordenava a D. Rodrigo Lobo. Tanto que Joaõ Paes chegou a Cartagena falou com Dom Rodrigo, e deo-lhe a carta occulta, que levava d'ElRey, que continha a persuasão de se passar a Portugal, sollicitando na jornada os maiores interesses, que lhe fossem possiveis: porém faltando a prudencia necessaria em negocio taõ importante, e achando Joaõ Paes por General da frota a Francisco Dias Pimenta, que havia succedido a D. Jeronimo de Sandóval, pudera occulto dar a carta que levava d'ElRey a D. Rodrigo, e voltar-se com as outras na caravela sem damno, nem perigo do segredo; mas o seu pouco recato fez patente a Francisco Dias Pimenta a sua chegada. Tanto que o soube o buscou, e sollicitando as cartas, que elle lhe deo sem resistencia, examinando nos erros dellas a cavillação das ordens, prendeo Joaõ Paes, e pondo-o a tormento a poucos ratos confessou a diligencia a que vinha, e a mesma declaração fez logo D. Rodrigo Lobo, porque vendo descoberto o tratado, quiz evitar prudentemente fazer-se suspeito; constando-lhe tambem, que assim como chegára a caravela ás Ilhas fora conhecida por embarcação de Portugal; erro que pudera evitar-se, mandando-se outra menos suspeitosa, que logo de Cartagena haviaõ

Anno
1641.

*Prizaõ de Joaõ
Paes de Carva-
lho.*

*Descobre-se o
intento.*

Anno
1641.

vião hido varias pessoas examinar a diligencia a que vi-
nha, o que custou pouco trabalho, porque os remeiros,
que leváráõ a João Paes no batel, tinhaõ referido aos Por-
tuguezes, que encontráráõ, todo o successo da acclama-
ção. Francisco Dias tanto que teve descoberto toda esta
máquina, mandou buscar a caravella por alguns barcos,
e a este rumor os que estavaõ nella, prevenidos para qual-
quer accidente, leváráõ ancora, e déráõ à vela para Por-
tugal, sem offensa de algũas cargas, que dos barcos lhes
tiráráõ: chegáráõ a Lisboa, e ficou ElRey com grande
sentimento, sabendo delles o máo successo da sua jorna-
da. João Paes foy sentenceado á morte, de que se livrou
por quinhentas patacas, embargos que o puzeraõ na rua
sem mais exame do seu delicto. As noticias da acclama-
ção d'ElRey alteráráõ os animos de quasi todos os Por-
tuguezes, que havia em Cartagena, mostrando Deos em
todas as partes do Mundo, que com o remedio da Simpa-
tia, duvidoso em outras feridas, determinava curar aquel-
las, que os Castelhanos haviaõ feito nos animos dos Por-
tuguezes sessenta annos, que os domináráõ. Produzio o
avizo de João Paes o maior effeito no generoso coração
do Conde de Castello-Melhor, e parecendo-lhe pequena
empreza a de passar só a sua pessoa a Portugal, intentou
outra taõ bem fabricada, que merecia melhor fortuna:
porém as grandes emprezas compoem-se de muitos instru-
mentos, naõ se ajustando nunca segredo communicado a
muitas pessoas, e sendo o segredo a alma dos negocios,
destroem-se, se se revela, e conserva-se poucas vezes,
por naõ fazerem todos os instrumentos os movimentos
iguaes.

*Empreza heroi-
ca do Conde de
Castello-Melhor*

No tempo em que o Conde de Castello-Melhor
andava forjando as maiores idéas, lhe offereceo a fortu-
na a occasião que desejava. Partio Francisco Dias Pimen-
ta para Porto Bello com dez navios, a buscar a prata que
naquelle anno havia de passar na frota a Hespanha: fica-
ráõ furtos no porto de Cartagena quatro galeões grandes,
que eraõ as Capitánias, e Almirantes de Portugal, e Ca-
stella; e o presidio que ficou em Cartagena constava a
maior parte de Infantaria Portugueza: estas disposições fo-

forão materia ao fogo em que ardia o Conde de Castello. Melhor por accrecentar a sua opinão, tão semelhante ao mesmo fogo, que se apaga, se se não fomenta. Formou o Conde comsigo as idéas seguintes, e ajustou-as com o seu discusso, muito capaz Conselheiro de negocio de tanto pezo, primeiro que se resolvesse a communicallas a outra pessoa. Discursou que os quatro navios, que ficaram furtos, estavaõ sem guarnição, que introduzir-lha dos Portuguezes, que se achavaõ em Cartagena, era muito facil, e pouco difficil persuadillos com as instancias dos Capitaens, que julgava dispostos à sua ordem, para emprenderem huma acção de tanta gloria, e utilidade. Disponha mais, que os mantimentos, e muniçoens necessarias para o provimento dos navios, poderia facilmente tirar dos muitos, que estavaõ recolhidos no arrabalde da Cidade chamado Gessamani: porque depois de ganhados os Officiaes, e Soldados Infantes julgava, que seria facil interprender o arrabalde, e favorecendo a fortuna o intento, ganhar a Cidade, e que quando se mostrasse difficultosa esta ultima empreza, lhe bastavaõ para o que intentava as muniçoens, e mantimentos, que havia de tirar do arrabalde; e porque o Forte de São Philippe, que dominava a Cidade, e defendia a barra, podia ser embaraço á empreza, e offensa aos navios, determinava valerosamente o Conde de o ganhar na mesma hora, que tivesse disposto o assalto do arrabalde, e para conseguir a empreza, disponha introduzir-se na Fortaleza na fórma, que muitas vezes costumava ir a ella, que era com seus camaradas, e criados a conversar naquelle sitio as horas desoccupadas. Era este numero de gente superior à pequena guarnição da Fortaleza; e esta constava quasi toda de soldados Portuguezes; e por este respeito tinha o Conde por infallivel conseguir o effeito, que desejava; e levantando-se mais o remontado vôo de seu espirito, suppunha empreza facil, unidos os fios de todo este tear, achando-se com os quatro navios bem guarnecidos superior ao poder, que Francisco Dias Pimenta trazia na volta de Porto Bello para Cartagena, investillo; e ganhados os navios carregados de prata entrar com triumpho

Anno
1641.

Anno

1641.

Comunica o intento a D. Rodrigo Lobo, que o approva.

Encarrega a Pedro Jaques as diligencias.

triufo, e com despojo em Lisboa de tanta importancia, e taõ valerosamente conseguido, que toda a prata, que os galeões trouxessem, teria pouca para lhe fabricarem estatuas. Formado este discurso, passou logo o Conde á execuçaõ, e a primeira pessoa a quem communicou o seu intento foy a D. Rodrigo Lobo, o qual achou valerosamente disposto a tentar a empreza, e a procurar todos os caminhos de conseguilla. Depois de examinarem as difficuldades, se ajustaraõ na disposiçaõ seguinte. Estavaõ alojados na Cidade os Capitães Antonio de Azevedo, Antonio Rebello Falcaõ, e Antonio Raposo, sem os quaes se naõ podia conseguir o intento proposto. Suppoz o Conde, que tres Antonios era felice vaticinio, e naõ podiaõ faltar á fé Portugueza; encommendou ao Capitão Pedro Jaques de Magalhaens, em cujo valor, e destreza punha arrazoadamente a maior confiança, que persuadissem a Antonio de Azevedo obrigado ao Conde assim na melhora de posto, como no remedio das faltas de cabedal; porque na persuasaõ deste julgava, que consistia a dos dous camaradas, conhecidamente governados pela sua direcçaõ. Fez Pedro Jaques com tanta efficacia a diligencia, que trouxe Antonio de Azevedo diante do Conde, depois de o instruir em tudo o que estava disposto: porém Antonio de Azevedo respondeo ao Conde taõ fria mente, e com tanta turbacãõ, que Pedro Jaques foy de parecer que o matasem logo; o que o Conde naõ consentio, assim pela sua grande christandade, como por se fiar em que elle prometteo de persuadir os dous Capitães seus camaradas, que logo disse hia pôr por obra: porém ou instruidos por elle, ou introduzindo-lhe a grandeza da acçaõ o medo, (taõ perigoso hospede nos coraçõens dos homens, que quebra as leys da hospitalidade com todas as virtudes que acha nelles) de tal modo ficou exercitando este dominio em todos os tres Capitães, que se resolveo Antonio de Azevedo, concordando com os dous, naõ só a se desviar da empreza, mas a entregar nas mãos de seus inimigos os amigos, e naturaes, a que era por tantas razoens obrigado.

Descobre o tratado Antonio de Azevedo.

Ao amanhecer de 29 de Agosto foy buscar ao Sargento Mór D. Antonio Maldonado Texada, que governava

vernava a Cidade, e a D. Francisco Cartejon; que servia de Almirante da Armada, aos quaes descobrio tudo quanto Pedro Jaques lhe havia fiado. Os Castelhanos sem mais outra averiguação determináraõ prender ao Conde de Castello-Melhor, a Pedro Jaques, e a seos camaradas; e para o executar sem perigo da guarnição Portugueza, fingiraõ que chegára avizo de que appareciaõ oitenta navios Hollandezes, e por este supposto temor mandáraõ tomar as armas á guarnição Castelhana, e aos moradores, e ordenaraõ aos Portuguezes, que não sahisse de seos quartéis sem segunda ordem. Seguros deste receio prenderaõ ao Conde de Castello-Melhor, a Pedro Jaques de Magalhaens, Jorge Furtado de Mendoça, D. Luiz de Abranches, Antonio de Mello, camaradas do Conde, e aos seos criados. Prenderaõ tambem a Pedro Gonçalves Rotèa, Capitão de Mar, e Guerra da Capitania de Castella. Sem formar processo, nem interpor dilacção, chamáraõ a perguntas a Pedro Jaques, diante dos Juizes, que elegeraõ para o exame do delicto, estando presente Antonio de Azevedo: o qual dizendo primeiro, que era Christão, e que se não poderia crer, que levantasse testemunhos, referio, que Pedro Jaques havia hido duas noites a sua casa, a primeira a lhe propor quanto elle havia declarado, a segunda a saber se estava seos camaradas persuadidos. Depois de acabar toda a confissão, que indignamente fez, lhe respondeo Pedro Jaques, sem se perturbar, huma taõ generosa mentira, que com o valor, e juizo superiores ao perigo, acreditou o defeito de haver encontrado a verdade. Disse, que Antonio de Azevedo mentia em quanto havia relatado, e que maior culpa, que a elle, punha aos Juizes, pois davaõ credito a hum homem taõ vil, que sempre costumára encaminhar as suas acções pelos delirios do vinho, e que se respondesse em forma ao que lhe perguntasse, estava certo, que á verdade o poria a elle livre, e faria a Antonio de Azevedo delinquente; e continuou dizendo a Antonio de Azevedo: Não podeis negar com verdade, que eu fuy a vossa casa dizer-vos, que não pertendesseis hũa dama, que eu sollicitava, e vós conheceis, porque era empenho meu: prometteis

Anno

1641.

Prizaõ do Conde, e outros Eidos.

Resposta generosa de Pedro Jaques.

Anno
1641.

mettestes de executar o que vos advertia, fez.vos desculpar a continuacão do vinho da palavra, que me tinheis dado: torney segunda noite a tratar vos como merecieis, e a desafiar vos, fizestes zombaria do discredito, naõ querendo sahir ao campo; e fazendo vos pezo terdes perdido a opiniaõ, quizestes restaurar huma infamia com outra infamia, intentando com os vossos testemunhos, que as mãos da justiça vingassem em mim o que naõ poderaõ as vossas mãos. Ficou attonito Antonio de Azevedo, e naõ soube responder huma só palavra, e confundiraõ-se de forte os Juizes, e os que ouviraõ naõ só as razoes de Pedro Jaques, senaõ a constancia, e resoluçãõ com que as proferio, que mandáraõ recolhello á prizaõ, e tomáraõ por expediente pôr a tormento Antonio Rodrigues, seu criado, e a Jacintho Lobo, que o era do Conde de Castello-Melhor. Faltou nestes o valor para sustentar o segredo á vista do tormento, confessáraõ tudo o que sabiaõ, que bastou para aggravar a culpa dos que estavaõ prezos, e tiveraõ os Juizes estes indicios por bastantes para dar tratos a Pedro Jaques; os quaes foraõ de qualidade, que parece que sustentar a vida foy divida particular ao favor Divino, que assistio ao seu valor; porque constantemente naõ pronunciou mais palavras, que aquellas que foraõ necessarias para a defenõsa do Conde, ganhando na constancia, com que padeceo o tormento, immortal credito na memoria dos homens. Depois de curado o sentenceáraõ em dez annos de degredo fóra de Cartagena, e seu districto. Tanto que se lhe offereceo occasiaõ, passou a Cadis, de Cadis a Lisboa: fez-lhe ElRey mercê de huma Cõmenda, e fez depois nos grandes postos, que occupou, açcoens taõ sinaladas, como largamente referiremos nesta historia.

Trastos rigorosos de Pedro Jaques.

Passa a Lisboa, faz-lhe ElRey merce.

Poucos dias depois da prizaõ do Conde, chegou de Porto-Bello Francisco Dias Pimenta, e querendo mostrar no rigor a pouca attençãõ, que tinha ao sangue Portuguez, de que se alimentava, mandou occultamente trazer o Conde de Castello-Melhor ao Castello de S. Philippe, e naõ achando na sua confissãõ mais que repetidas queixas do injusto procedimento, que com elle se uzava, o

remet:

remetteo ao Auditor da Armada D. Francisco Regi com dous Ouvidores por adjuntos, sem attender a que não tinha jurisdicção para sentencear hum Titulo de Portugal sem differença nas preeminencias aos Grandes de Castella, cujas culpas reservárao os Reys para Tribunal mais supremo. Formárao o processo os Juizes nomeados, e sentencearao o Conde á morte, condemnando o primeiro a levar tratos, esperando que a confissão do Conde nos tratos fizesse mais justificada a sua sentença, ou descobrisse algumas pessoas, a que elle tivesse communicado aquella resolução. Antes que a sentença se publicasse ordenou Francisco Dias Pimenta, que se embarcassem na Armada todos os Portuguezes, que havia em Cartagena, receando que a vista do espectáculo os obrigasse a depôr a obediencia. Depois de embarcados, leu hum Escrivaõ a sentença ao Conde, de que appellou, mostrando a nullidade nas prerogativas do Titulo: não lhe valerao os embargos, e a onze de Outubro, juntos todos os Juizes, a que assistia D. Francisco Cartajon, acerrimo inimigo dos Portuguezes, presente o Conde, lhe disse o Auditor, que estava na lua mão livrar se dos tratos, descobrindo os cúmplices, por não padecer a morte mais penosa, a que sem appellação o tinhao condemnado. Respondeo o Conde constantemente, que a jurisdicção que elles tomavao não passava dos limites do Corpo á liberdade da Alma: que quanto mais infallivel era durar lhe pouco a vida, tanto mais eficazmente devia tratar da immortalidade, não condemnando a quem o não merecia. Na resolução da resposta do Conde entenderaõ os Juizes, que era infructuosa a efficacia das palavras, e remetteraõ ás obras o desafogo da paixã com que procediaõ: fizeraõ despir o Conde, e apurando nelle o mais intimo do rigor, lhe deraõ sete tratos, ministros que obrigavao a execuçaõ com outros tormentos: padeceo os sem pronunciar outra palavra mais que as que julgou necessarias para implorar o soccorro Divino. Vendo os Juizes, que superava a constancia do Conde os repetidos golpes dos cordeis, mandaraõ afroxallos, e recolhendo o á prizaõ, o entregaraõ a Cirurgioens com taõ pouca noticia daquella arte, que foraõ

Anno
1641.

*Sentença se o
Conde à morte,
dando se lhe
primeiro tor-
mento.*

Anno

1641.

Ação valerosa de D. Rodrigo Lobo, e volta a Portugal

novos verdugos, aggravando-lhe as feridas com os remedios. D. Rodrigo Lobo impaciente com a noticia do que o Conde padecia, buscou Francisco Dias Pimenta, e perguntando-lhe com as razoes, que costuma a desconcertar a paixãõ, quem lhe dera poder para proceder contra hum Titulo de Portugal, Francisco Dias lhe respondeo, que a resoluçãõ com que fallava o fazia suspeito: com a mãõ na espada quiz D. Rodrigo justificar a sua fidelidade; prendeo-o Francisco Dias, trouxe-o na frota a Madrid, onde foy solto; passou-se a Portugal, e durou-lhe pouco tempo a vida. Os Castelhanos publicaraõ, que o Conde confessára o delicto no tormento, a fim de obrigarem com esta invençãõ a que alguns Portuguezes se ausentassem, para ficarem por este caminho descobertos os cumplices: foy a traça infructuosa; e deixando o Conde na prizaõ, se partio Francisco Dias Pimenta para Hespanha, livre do cuidado, que lhe davaõ os muitos Portuguezes, que levava na frota. Chegando a Cartagena, antes de se partir a Infantaria Castelhana, que sahio da Bahia depois de acclamado El Rey, como fica referido, com a qual reforçou a guarniçãõ dos navios de guerra, repartindo os Portuguezes por todos os da frota, levou Francisco Dias no seu galeãõ a Jorge Furtado de Mendonça, a quem permittiraõ, que passasse a Madrid com a appellaçãõ do Conde, que lhe aceitaraõ os Juizes, reconhecendo o pouco poder, que tinhaõ para o sentencear à morte. Fez Jorge Furtado em Madrid toda a diligencia, que lhe foy possivel, pela liberdade do Conde: passou-se, depois d'elle a conseguir, a Inglaterra, e de Londres a Portugal. Os mais camaradas do Conde, e os seus criados foraõ tambem soltos. Antonio de Azevedo mal satisfeito passou a Hespanha, onde sem recompensa alguma acabou a vida vil, e pobremente; sendo até aos que recebem beneficios desta qualidade pezados, e abominaveis os infames authores delles. O Conde mal saõ das feridas se arrojou a novo intento: quiz levantar-se com o Castello onde estava preso; teve ganhados alguns soldados por intelligencia do Padre Frey Ambrosio do Espirito Santo da Ordem de S. Bento, seu Confessor, que havia trazi-

Fim miseravel de Antonio de Azevedo.

do da Bahia. Determinava ganhar o Castello ajudado de alguns Soldados, que havia grangeado, e coneguir navio para se passar a Portugal: mas como o intento era grande, e os meios pouco proporcionados, se delvaneceo, e ficou o Conde só alimentado da esperança de hum avizo, que havia feito a ElRey por dous Alferes, hum chamado Antonio de Abreu, outro Domingos da Silva, os quaes passaraõ a Cádiz occultos na frota, e de Cádiz sem perigo a Lisboa: deraõ noticia a ElRey de tudo o que o Conde padecera, e soffria por seu serviço.

Achou-se ElRey obrigado á satisfação de tantas finezas, e persuadido juntamente da politica de obrigar com a boa correspondencia a maiores emprezas os valerosos animos de seus Vassallos; mandou logo apprestar hum navio, dando calor á brevidade o animo varonil da Condeça de Castello Melhor, hoje Marqueza do mesmo Titulo, que em muitas acçoens grandes tem mostrado, que andaõ nella iguaes o valor, e a prudencia. Dentro de poucos dias deo á vela com os dous Alferes, que levavaõ ordem de procurar por todos os caminhos a liberdade do Conde, e largas promessas, se a conseguissem. Em quarenta dias lançaraõ ferro na ponta da Conoa, onze leguas de Cartagena: saltou em terra Antonio de Abreu, caminhou para a Cidade, e occulto buscou a casa de Fr. Ambrosio sem ser visto de outra pessoa; falou com elle, e lhe communicou o intento que levava. Fr. Ambrosio não querendo dilatar o alivio á afflicção, que o Conde padecia, tendo-lhe prohibido o poder falar-lhe, lhe mandou dizer por hum criado, que unicamente o servia, que lhe desse alviçaras. Esta noticia sem outra distincção deixou o Conde alentado, e confuso. Não lhe durou muitos dias o embaraço, porque Fr. Ambrosio soube coneguir o comunicar-se com elle: Era Governador da Cidade D. Ortuño de Aldape Biscainho, grande inimigo de Portuguezes: havia tirado ao Conde, com as noticias de que queria fugir, não só os criados, mas o Confessor. Fr. Ambrosio reconhecendo a miseria do Biscainho, a que era conhecido e sujeito, lhe armou com o receio do gasto, e o obrigou a cahir no laço facilmente. Sustentava-se o

Annõ
1641.

*Manda ElRey
hũ navio para
livrar o Conde.*

Anno

1641.

Dá Frey Ambrosio ao Conde esta noticia,

Effeitos da liberalidade, e da miseria,

Conde das esmolas, que Fr. Ambrosio lhe grangeava. Publicou Fr. Ambrosio, que se partia para Caracas, pois lhe não permittiaõ, que confessasse o Conde dizendo, que era impiedade de que até os Infiéis se abstrahiaõ. Soube o Governador a sua resolução, e vendo que ausente Frey Ambrosio havia de correr forçosamente o sustento do Conde por sua conta, achou mais facil a permissaõ, que o dispendio, e concedeo licença a Fr. Ambrosio para entrar a falar ao Conde todas as vezes, que lhe parecesse, não querendo arriscallo a segunda tentativa de ausentar-se. Tanto que Frey Ambrosio teve esta permissaõ entrou no Castello, e communicou ao Conde a vinda, e o intento dos dous Alferes. Conferiraõ o modo com que se podia conseguir romperem os muitos laços daquella prizaõ, e vieraõ a ajustar, que não podiaõ lograr este intento sem persuadir a tres Soldados, hum Castelhanao chamado Antonio Ruiz natural de Sevilha, e dous Portuguezes, hum cujo nome era Antonio Ferreira natural de Santarém, outro Barnabé Caldeira de Villa-Viçosa. Falou-lhes Frey Ambrosio, e todos prometteraõ segredo, e execuçaõ, obrigados da liberalidade com que o Conde antecedentemente os havia tratado, e desta sorte vieraõ a ser authores desta acçaõ os dous maiores oppostos, a liberalidade, e a miseria; porque se o Governador não fora miseravel, não entrara Frey Ambrosio a fallar ao Conde, e se o Conde não fora liberal, não achára hum Castelhanao, e dous Portuguezes, que arriscassem a vida pela sua liberdade. E desta proposiçaõ se póde facilmente tirar a consequencia de que he tal a virtude da liberalidade, que he melhor ser prisioneiro liberal, que Governador miseravel. Parece que dispunha Deos a fugida do Conde por meios extraordinarios. Informado Antonio de Abreu de Frey Ambrosio de tudo o que havia conseguido, e dispondo ambos a traça para se executar a liberdade do Conde, sahio Antonio de Abreu da Cidade por huma parte occulta, e passou em huma canõa ás Ilhas de Barú, onde havia concertado com Domingos da Silva, que o esperasse no navio. Chegou as Ilhas, e achou o navio rendido a huma fragata Hollandeza, que andando a corso o encontrou a

caso.

caso. Domingos da Silva na desesperação de ver baldada tanta diligencia, havia communicado ao pirata o negocio a que ElRey o mandava: mas sem embargo de justificar com os passaportes a sua verdade, prevalecera com o pirata a ambição da preza, se não fora mais poderosa a fortuna do Conde, que dando-lhe neste successo por deidade tutelar a liberalidade; tanto que chegou Antonio de Abreu, concordando a sua noticia com a de Domingos da Silva, se obrigou generosamente o pirata a trocar os interesses pela gloria da empreza. Prometteo a Antonio de Abreu de lhe assistir até o ultimo alento, e executou-o com tanta verdade, que foy a sua galharda resolução o mais util instrumento desta máquina. Conferindo com elle, e com Domingos da Silva Antonio de Abreu tudo o que deixava disposto, voltou a terra, e occultando-se na espeflura de hum mato vizinho á Cidade, onde esteve alguns dias, entrou de noute a falar a Frey Ambrosio, e deixou-lhe escrita huma carta para o Conde, na qual lhe dava conta de tudo o que havia passado, e o persuadia á brevidade da execucao. Esta carta, por não imaginado accidente, pudera ser a destruição de todo o intento; porque Fr. Ambrosio pouco advertido, retirando-se Antonio de Abreu para o mato, chegando-lhe hũa carta do Conde para huma Senhora daquella Cidade a quem devia grandes assistencias na sua prizaõ, trocou por desacerto as cartas, e mandando ao Conde a mesma, que havia escrito, remetteo a de Antonio de Abreu, que hia para o Conde, a esta Senhora, com quem elle se correspondia. Abrio-a ella, e achando na carta todo o segredo da empreza, se resolveo generosamente a occultallo. Escreveo ao Conde, culpando a pouca attençaõ de Frey Ambrosio, remetteo-lhe a carta de Antonio de Abreu, e segurou-lhe o segredo, o qual guardou inviolavelmente. Merecia esta generosa acção não deixar-mos em silencio o nome desta Senhora: porém como ainda vive, não he razaõ que descobrindo o que executou, possa ella perigar pelo mesmo caminho, que soube grangear os maiores louvores. Passado este sobressalto, veio Frey Ambrosio, e Antonio de Abreu a ajustar por ordem do Conde o tempo

Anno

1641.

Toma hũa fragata Hollandesa o navio.

Resolve o Capitão assistir á empreza.

Descuido de Fr. Ambrosio.

Fidelidade generosa de huma Senhora Castellana.

Anno
1641.

Fugida admiral do Conde

mais adequado de conseguir o que intentava. Chegou a occasião, e foy o dia em que os tres Soldados referidos entráram de guarda á pessoa do Conde: e sem embargo de que havia feito algum rumor na Cidade chegarem os navios a Boca Chica, huma das tres barras della, teve a liberdade do Conde felice execução em 16 de Junho. Sahio Fr. Ambrosio de Cartagena com hum criado do Conde, e nove Portuguezes reduzidos a ter parte na empreza: embarcarão-se todos em huma lancha, na qual os esperava Domingos da Silva, e amparados com o escuro da noite aguardáram hum final, que os do Castello haviaõ promettido fazer. Tocou a hora de entrar de sentinella ao Conde a Barnabé Caldeira, e andar de ronda a Antonio Rodrigues: sahio o Conde com elles, sem fer sentido dos Soldados, que dormiaõ á porta da prizaõ, por entre os quaes passaraõ, e buscando o posto em que estava de sentinella Antonio Ferreira, fizeraõ com o fogo de hum muralhaõ aos que estavaõ na lancha o final concertado: reconhecendo-o, saltaraõ brevemente em terra, e se chegarãõ ao pé da muralha. Sem interpor dilação, perigosa em tanto aperto, atáraõ os do Castello huma corda ao reparo de huma peça de artilharia, e lançando-se primeiro por ella dous criados do Conde, para examinar a sua segurança, achando-a firme, baixou o Conde com grande trabalho, por lhe ficar dos tratos aleijada a mão esquerda: fizeraõ a mesma diligencia os tres Soldados, e unidos os que desceraõ aos que esperavaõ, se embarcáraõ na lancha, e brevemente se introduziraõ em o navio Hollandez, que o Conde elegeo para a viagem, havendo-se unido a este outro da mesma conserva.

Vinha rompendo a manhã, e ao mudar das sentinellas sentiraõ os do Castello a falta do Conde: disparáraõ huma peça, para que da Cidade se fizesse mais prompta diligencia: acodio o Governador ao rebate, e para que tivesse maior motivo de pena, foy a tempo, que vio passar por junto da Cidade os tres navios, largas as velas, tremulando as flammulas, e soltos os galhardetes, as Armas de Portugal arvoradas, as de Castella (prevenção dos Piratas Hollandezes) arrastando, a artilharia, e mosque-

Anno
1641.

molquetes alterando-se com repetidas cargas, ouvindo-se na pauza dellas as alegres vozes dos que partindo solemnizavaõ a felicidade que conseguiaõ. Seguirãõ os navios a viagem deixando a terra, e a poucas sangraduras experimentarãõ o tempo contrario, que facilmente muda de condiçaõ, coroando-se da inconstancia. Creceo de forte a tormenta, que aberto o navio Portuguez se foy apique. Entre a compaixaõ do naufragio rendeo o Conde a Deos as graças da sua felicidade; porque foy necessario que o navio Hollandez em que elle se embarcou viesse aquelles mares com fim taõ diverso, e que aquelle Pirata se resolvesse sem conveniencia alguma a ajudallo, para naõ fer o mar, que buscava por remedio, sepulcro da vida que livrãra da contingencia em que estava na prizaõ: porque, ainda que he certo que quem trouxe os Hollandezes pudera suspender a tormenta ou sustentar o navio, mostra Deos os effeitos, e naõ permite á ignorancia dos homens reconhecer as causas. Passada a tormenta, seguindo a viagem encontrãõ huma fragata Castelhana, que caminhava com varias mercadorias na volta de Cartagena: renderaõ-a, e dividindo os Castelhanos pelos dous navios, a guarneceraõ com marinheiros Hollandezes. Alegres da preza caminhãõ dous dias, entrou-lhe segundo temporal taõ rijo que meteo apique a fragata Castelhana. Naõ sey se fora facil aos mais scientes Mathematicos reconhecer para a prevençaõ do perigo este desconcerto das estrellas? De maneira que os Hollandezes que cantavaõ a gloria de vencedores, foraõ os de que na tormenta triunfou a morte, e os Castelhanos que choravaõ a desgraça de se verem prisioneiros, achãõ nella a conservaçaõ das vidas. Razaõ era que estes exemplos desenganassem aos que temerariamente querem antever os futuros. O navio em que hia o Conde, teve evidente perigo, roto o leme, e quebrado o masto grande: no maior conflicto entrou no porto das Palmas, havendo perdido de vista o outro navio. Concertou-se este o melhor que lhe foy possivel, e largando os Castelhanos, passãõ a Tortuga, habitaçaõ de Francezes, onde foraõ hospedados com toda a urbanidade; e reparando o navio

Perde-se o navio Portuguez.

Rendem huma Fragata Castelhana.

Ponderaçãõ sobre as variedades destes successos.

Anno
1641.

*Entra o Conde
em Lisboa, he
recebido d'El-
Rey com gran-
des honras, e
merces.*

*Premio que se
deu ao Capitão
Hollandez.*

fizeraõ viagem, e sem mais contradicção entráraõ em Lisboa. Desembarcou o Conde; foy recebido d'ElRey com todas as demonstraçoens, e satisfação que requeria o seu mericimento: disse-lhe que se apurára como o ouro na fornalha, (comparação da Escritura) e outras palavras em que os Principes tem o maior thesouro, se sabem, e querem uzar dellas. Fez ElRey mercê ao Conde do Titulo em duas vidas mais, e nas mesmas os bens da Coroa, e Ordens, e de huma Commenda de mil cruzados: nomeou-o do seu Conselho de Guerra, e Governador das Armas da Provincia de Entre Douro e Minho, onde adquirio com acçoens novas maior mericimento. A Fr. Ambrosio deo oitenta mil reis de pensão em hum Bispaado, aos mais satisfez com tenças, habitos, e postos. Ao Capitão Hollandez premiou com seis mil cruzados, huma cadêa de ouro, e huma medalha com o seu Retrato. O Conde lhe deo dous mil cruzados, com que foy satisfeito, e todos como merecéraõ ficáraõ premiados.

Antes que entremos nas primeiras acçoens da guerra, donde a historia tomará fio, para sahir o menos que for possivel da ordem dos annos, determino de me des-
embaraçar na fórmula proposta de todos os casos grandes que dependéraõ da Acclamação, ainda que o effeito se dilatasse: porque como não tecem a historia truncados, poderá ficar confusa, se os dividisse, e qualquer delles tem tanto que ponderar, que merecia particular volume; principalmente este que agora dará exercicio á penna, pois veremos lastimosamente hum Principe vendido, e hum Imperador comprado, sendo o Principe innocente, e o Imperador ambicioso, ministrando estes desconcertos por ordem de hum Rey esquecido do titulo de Catholico, homens que depuzeraõ as obrigaçoens do sangue, e os empenhos da Patria, escurecendo acçoens muito gloriosas, com as quaes haviaõ resplandecido no mundo. Succedeo o caso da sorte seguinte: O Serenissimo Infante D. Duarte irmão d'ElRey D. João passou a Alemanha a servir o Imperador Fernando III. tanto que teve idade para esmaltar com o nobre exercicio das armas o esclarecido sangue herdado dos Reys seus gloriosos Ayós. Quando ElRey foy acclamado

*Successos do Se-
nhor Infante
Dom Duarte.*

clamado; exercitava o posto de Sargento General de Batalha, com acçoens tão finaladas, que unidas á affabilidade do trato, e a outras excellentes virtudes; conseguia a estimação do Imperador, e era emprego dos olhos, e do affecto de todo o Exercito. Havia-se achado nas occaſiões de maior importancia do Imperio, quando as Armas de Suecia o tiveraõ mais opprimido, affittindo familiarmente ao Conde Mathias Galaço nomeado pelo Imperador por Tenente General de seu filho primogenito Fernando Rey de Bohemia, e ajudando-o a lançar os Suecos do Imperio, os quaes governados pelo Duque de Uveyrmar depois da morte d'ElRey de Suecia tinhaõ occupado a maior parte delle, sendo desta recuperaçãõ o Conde Galaço o Author mais digno, e o Infante o Executor mais valeroso das suas ordens. Estes successos merecedores de immortal memoria escreveo o Infante em huma relaçaõ de estylo tão levantado, de linguagem tão excellente, de termos militares tão proprios, e de juizos, e conceitos tão superiores, que não só pode competir, mas exceder a tudo quanto tem escrito as pennas melhor apparadas. Conserva-se este papel da propria letra do Infante na livraria de Luiz de Soufa filho II. do Conde de Miranda, Capelaõ mór do Principe D. Pedro, e Arcebispo de Lisboa, que com muito louvavel curiosidade peregrinou depois de sahir de Roma, só por escolher em toda Europa os melhores livros, conseguindo juntar a maior livraria deste Reino. Acabada a Campanha do anno de 1640 no mez de Dezembro, aquartelando-se o Exercito, ficou o Infante alojado na Suevia, tres leguas de Ulma. Chegou aos Ministros de Castella primeiro o avizo da Acclamaçaõ, que ao Infante. Publicou-se em Lisboa que Francisco de Lucena havia sido origem deste desacerto por antigas dissençaõs mal affecto ao Infante: porém o descuido d'ElRey padeceo no juizo dos homens a maior condemnaçaõ, julgando que materias desta qualidade não se deviaõ fiar de outra diligencia, sendo preciso avizar a seu irmaõ pela pessoa mais confidente, a tempo que elle se pudesse sahir do Imperio sem perigo dos Ministros de Castella, que era certo haverem de romper na sua pessoa

Anno
1641.

todos os impulsos da ira de verem separado o Reino de Portugal daquella Monarquia: porém a fatalidade que conduzio á morte este innocente Principe diſpoz, que se desconcertassem todos os instrumentos da sua liberdade; Assistia na Corte do Imperador por Plenipotenciario d'El-Rey Catholico Dom Francisco de Mello, a quem honrou a natureza com o Real sangue da Casa de Bragança, mas variando nelle o effeito de correr pelas véas, foy o motivo mais principal da ruina do Infante, esquecido dos beneficios que devia á Casa de Bragança, ou trocando-os pelas dependencias do Conde de Olivares. Chegou-lhe de Madrid a nova dos successos de Portugal, e ordem para procurar por todas as vias a prizaõ do Infante; entendendo-se em Madrid justamente, que em se lograr este intento se tirava a Portugal a melhor defenſa, por concorrerem no Infante todas as virtudes de hum Principe politico, e de hum Capitaõ experimentado. Tratou D. Francisco de dar á execuçaõ a ordem de Castella, e não perdoou para este effeito a negociaçaõ alguma: communi- cou o que intentava a alguns Hespanhoes, os quaes achou de opiniaõ contraria, parecendo-lhes impossivel; que o Imperador se persuadisſe a cooperar em hum trata- taõ dobre: porém como nunca faltaõ sequazes á maldade, achou Dom Francisco diſpostos para este fim o Padre Fr. Diogo Quiroga Confessor do Imperador, e o Doutor Na- varro Secretario da Imperatriz. Com a diligencia destes dous Ministros se começou a fomentar a negociaçaõ, e julgando Dom Francisco qualquer dilaçaõ perigosa, pe- dio audiencia ao Imperador, e propoz-lhe com grande efficacia a noticia, que havia tido de Madrid da alteraçãõ de Portugal, e quanto convinha aos interesses da Casa de Austria a prizaõ do Infante, porque faltando na sua pessoa aos Portuguezes Capitaõ, e á Coroa mais hum Successor, vendo divertida a maior circumſtancia da sua rebelliaõ, feriaõ faceis de reduzir á obediencia d'El-Rey Catholico, podendo resultar do contrario maior contu- macia na guerra mais perigosa, e de mais relevantes con- sequencias, que podia ter a Casa de Austria: porque to- cando taõ vivamente no coraçãõ de Hespanha, forçosa- mente

*Diligencias de
D. Francisco de
Mello sobre a
prizaõ do se-
nhor Infante.*

*Proposta ao Im-
perador, e sua
resposta.*

mente pela união antiga, e inseparavel havia de tocar ao Imperio o mesmo damno. Mostrou o Imperador grande sentimento desta proposta dizendo, que preferia a todos os interesses não violar a immuniade do Imperio, e não quebrar as leys da hospitalidade; que o Infante estando em Alemanha não tinha culpa nos successos de Portugal, e que as suas acçoens em beneficio daquella Coroa mereciaõ differente recompensa. Ajudou esta resolução o Arquiduque Leopoldo irmão do Imperador, a quem se communicou esta materia, protestando, que consentir-se na prizaõ do Infante seria a maior infidelidade, e a mais abominavel ingratitude; pois se offendia a innocencia, e se castigava o mericimento. Não desmaiaraõ as diligências dos Ministros de Castella com o máo successo deste primeiro combate: fizeraõ medianeiros com os Ministros do Imperador os dobroens de Hespanha, com os quaes em muitas occasioens tem os Castelhanos persuadido os animos mais obstinados. Ganharaõ o Conde de Traumstorff, parecer que ouvia o Imperador, e com este outros fogeitos importantes, para conseguir o que intentavaõ.

Rompeo-se na Corte a indigna diligencia, que faziaõ, e eraõ contrarios a ella todos os desinteressados, clamando pela liberdade do Imperio. Vacilava o animo do Imperador entre huma, e outra opiniaõ: porém combatido com o ultimo esforço se rendeo á cavilosa industria dos Castelhanos. Preveniraõ elles a Imperatriz, e facilmente a persuadiraõ ao seu parecer: prometteo ajudallos, e o executou com tanta destreza, que depois de se mostrar ao Imperador muito afflicta da molestia, que padecia neste caso, lhe aconselhou, que se livrasse de escrupulo, seguindo o parecer de seu Confessor. Sujeitou-se o mal acautelado Principe filho de Adão a este remedio, para aggravar de todo a infirmitade: chamou logo Fr. Diogo Quiroga, o qual a Imperatriz tinha prevenido, e estava pouco distante esperando este avizo. Propoz-lhe o Imperador o embaraço em que se achava: brevemente o livrou da duvida, instruido nas erradas politicas de Machaviello: disse ao Imperador, que deixaria a consciencia

Anno
1641.

Voto do Arquiduque Leopoldo

Favorece a Imperatriz os intentos de Hespanha

Voto do Padre Quiroga

mui:

Anno
1641.

*Dasse ordem a
D. Luiz Gonzaga
para prender o
Senhor Infante.*

*Ordem do General
Piccolomini.*

muito gravada, se logo não mandasse prender o Infante: buscou (corrompido com o interelle) muitas razões apparentes para dissimular este caviloso parecer; dizendo, que ao Imperador tocava, como a Monarcha mais supremo, procurar reduzir por todos os caminhos huma nação rebelde á obediencia de seu legitimo Principe: que a prizaõ do Infante era hum dos meios proporcionados para este fim, e a attençaõ ao bem publico taõ absoluta, que derogava qualquer outra ley, que offendesse; e a estas fantasias accrecentou outras, que achão o castigo a tempo, que não pôdem uzar do remedio da culpa. Vencido o animo do Imperador, lavou as mãos do delicto, e entregou o innocente. Deo ordem a D. Luiz Gonzaga, para que fosse ao quartel de Leypen, e chamasse a Ratisbona, onde estava a Corte, da tua parte ao Infante; e que em caso que duvidasse de obedecer, o trouxesse preso. Prevenirão os Castelhanos os discursos que se haviaõ de fazer sobre esta ordem com outra maldade, e espalharão, que o Senhor Infante com a noticia dos successos de Portugal fugira: puzerão talha de oito mil cruzados a sua cabeça, e logo persuadirão a Piccolomini, General do Exercito, que se achava na Corte, para que o Infante prevenido com algum avizo não pudesse ausentar-se, e que mandasse o Coronel D. Jacintho de Vera com huma ordem, que dizia: *Ordem ao Coronel D. Jacintho de Vera, que vá ao quartel de Leypen a prender o Principe de Bragança, e que, não o podendo conseguir, o mate, e que ou vivo, ou morto me traga o seu corpo.* Muito desejava encobrir esta deliberação de Piccolomini, por não afeiar com ella as muitas partes que teve: porém he indispensavel a verdade da historia, e não póde ter desculpa fazer-se Ministro da prizaõ do Infante o General, que havia de ser defensor da sua innocencia, exercitando á sua ordem posto naquelle Exercito. Não teve effeito a que D. Jacintho levava, porque o Infante se havia partido de Leypen para Ratisbona, onde se celebrava a Dieta Imperial, a tratar alguns negocios dos seus Soldados, sem a menor suspeita do perigo, a que levava a vida exposta. Embarcou-se no Danubio, accidente, que o livrou da morte, vindo procurar-lhe por terra

terra os que traziaõ por objecto os oito mil cruzados promettidos pela sua cabeça. Indo navegando lhe chegou hum avizo de D.Luiz Gonzaga, em que lhe dizia, que aguardasse, porque trazia huma ordem do Imperador para lhe communicar: fez alto, naõ querendo ouvir as repetidas instancias dos seus criados, os quaes ja com alguma noticia, ainda que confusa, lhe advertiraõ, que se passasse a lugar seguro: porẽm elle naõ quiz admittir esta proposiçaõ, porque fazia maior confiança na fè do Imperador; propondo-lhe o generoso espirito, que o alimentava, taõ forçosas as obrigaçoens de hum Principe, que refutava qualquer opiniaõ, que naõ era subordinada a este axioma. Mostrou-lhe a experiencia, que, sendo a Fidalguia do animo a virtude mais appetecida, muitas vezes he o maior verdugo de quem a logra: porque habilita para este emprego coraçõens perversos, e tece á sua innocencia com esta singeleza os laços da sua ruina.

Aguardou o Infante a D.Luiz Gonzaga: chegou só com hum criado, dissimulaçaõ, que o fez menos suspeitoso, mostrou ao Infante a ordem, que levava do Imperador, á qual sinceramente obedeceo sem repugnancia. No dia seguinte, que se contavaõ 14 de Fevereiro, chegaraõ a Ratisbona, acharaõ prevenida huma carroça de D. Francisco de Mello, demonstraçaõ, que o Infante agradeceo como cortezia, naõ conhecendo, que era prizaõ; entrou nella, onde o recebeu Agostinho Navarro, que deo ordem para que a carroça guiasse a huma estalagem comboyada do Proboite general, e da vileza dos seus Ministros. Chegaraõ á estalagem, e acharaõ nella o Capitaõ da Guarda do Imperador com quarenta Mosqueteiros, o qual disse ao Infante, que Sua Magestade Cesarea lhe ordenava, que sem outro avizo seu naõ sahisse daquelle lugar. Alterou-se o Infante, mais da conducçaõ do Proboite, que da assistencia do Capitaõ da Guarda. Sentio-se, e queixou-se: porẽm ja era de balde huma, e outra demonstraçaõ; porque na pouca differença, que ha de erro a ferro, saõ os erros cadeia onde em hum só fuzil se enlaçaõ muitos. Hospedaraõ ao Infante no mais estreito aposento da estalagem, de que na mesma noite o mudou para

Annõ
1641.

Confiança generosa do Senhor Infante.

Prende-se em hũa estalagem.

Anno
1641.

*Dasse' l'he pala-
vra em nome do
Imperador de o
naõ entregarem
aos Castelhanos.*

para outro menos humilde D. Luiz Gonzaga, o qual o informou da causa da sua prizaõ, dando' l'he palavra da parte do Imperador de nunca o entregar nas mãos dos Castelhanos; naõ fazendo o Imperador o reparo preciso de que no recato do prometter devem os Principes pôr o maior cuidado: porque muitas vezes ou por generosidade propria, ou por facilitar os seus intentos, ou por excusar algum perigo empenhaõ a sua palavra, e achando muito ordinariamente contradicçoens para satisfazella, perdem o credito; porque o que se promete, e se naõ executa, o recebe por afronta o superior, por injustiça o igual, e o inferior por tyrannia. Menos grave fora a culpa do Imperador, se naõ accrecentara á entrega, que fez do Infante nas mãos de seus inimigos, a quebra de sua palavra. Attonito deixou ao Infante a noticia que l'he deu D. Luiz Gonzaga, naõ suppondo porém arriscada a vida nas mãos de dous impossiveis, que assim lho persuadia arazoadamente o seu discurso: porque primeiramente avaliava por impraticavel, que El Rey seu Irmaõ se resolvesse a tomar a Coroa sem l'he fazer anticipado avizo. Em segundo lugar suppunha impossivel entregallo o Imperador nas mãos dos Castelhanos, estando elle livre de culpa, todo entregue ao acerto de servillo. Mas os dous oppostos em cuja contraposiçaõ tinha confiança, veio a unir lastimosamente a experiencia. Vio no mesmo dia prezos todos os seus criados, e examinados os seus papeis pelo Doutor Navarro: e como esta resoluçaõ era o maior estrago do seu respeito, pouca esperança l'he podia ficar de prevalecer a sua justica. Na indecente prizaõ da estalagem passou outo dias, os quaes gastáraõ os Castelhanos em consultas do modo com que poderiaõ conseguir passallo ao Castello de Milaõ, licença que o Imperador até aquelle tempo havia negado.

*Diligencias da
Dieta.*

Favoreciaõ muito a justica do Infante os Congregados da Dieta de Ratisbona: representavaõ ao Imperador com vivas razoens quebrada a liberdade do Imperio, e a fé Germanica corrompida: feriaõ aos Castelhanos com as suas mesmas acçoens, fazendo' l'he memoria dos manifestos que haviaõ publicado contra a Coroa de

Annõ
1641.

de França sobre a prizaõ do Principe Casimiro, nos quaes avaliavaõ aquella acçaõ pela mais infiel, e que no caso presente eraõ authores de outra por todas as circumstancias mais abominavel, obrigando ao Imperador a que tirasse a liberdade a hum Principe sem culpa, que servia fiel, e valerosamente ao Imperio, buscando-se para esta execuçaõ huma Cidade franca, em que se celebrava Dieta Imperial, de muitos seculos formada para estabelecer as leys do Imperio. Estimulou mais aos da Dieta hum eloquente, e bem fundado papel, que lhes fez apresentar Francisco de Souza Coutinho, naquelle tempo Embaixador no Reino de Suecia, o qual continha o direito d'ElRey D. João á Coroa de Portugal, os excessos de que usáraõ os Reys Catholicos Philippe II, III, e IV na sua Conquista, e no seu dominio, a innocencia do Infante, e assignaladas acçoens executadas em serviço do Imperio: e concluia, que ainda que o Infante cooperasse em restituir a Coroa a seu irmão, (o que se negava) era injustamente prezo, pois o introduzia na posse do que se lhe devia de justiça: e que sendo tanto pelo contrario ter o Infante noticia dos successos de Portugal, que ley Divina, ou humana permittia, que fosse prezo em Imperio absoluto, e Cidade livre hum Principe innocente, e officioso ao mesmo Imperio, pois por servir ao Imperador deixara a patria, e a grandeza da propria Casa, achando por satisfação o tormento, e o evidente perigo da vida? Naõ foraõ de utilidade alguma estas diligencias, nem os memoriaes, que o Infante presentou ao Imperador, que continhaõ as mesmas razoes; e ultimamente lhe negou audiencia, que por muitas vezes lhe pedio: porque era offensor poderoso; e queria esconder o rosto do offendido. Falaraõ-lhe varios Principes intercedendo pelo Infante, insurdeceo-se aos rogos de todos, e por se eximir de taõ penosos embarços apartou de si a occasiaõ da culpa, e nunca este remedio foy menos util para o livrar do peccado, porque se gravou mais com a distancia. Mandou ao Infante para a Fortaleza de Passcovu, entregue ao Coronel Xenque, e sessenta mosqueteiros divididos em duas barcas: chegou em dous dias, e achou prevenido o Palacio do Archidu-

Papel de Francisco de Souza Coutinho.

Passa-se à Fortaleza de Passcovu.

que

Anno
1641.

*Passa à de
Grats.*

*Naõ obraõ em
Roma as dili-
gencias.*

*Tira-se-lhe até
o Confessor.*

que Leopoldo, de quem era a Fortaleza, por ordem sua; a pezar dos Castelhanos, que defaogáraõ esta paixãõ com a vigilancia das guardas, e prevençaõ das janellas, cerrando-as com grades de ferro. Ministrava Navarro estas diligencias, a quem entregaraõ o Infante, para que naõ afroxasse a sua molestia. Cinco mezes esteve nesta prizaõ, no fim delles alcançaraõ os Castelhanos do Imperador poderem mudar-lha para Grats, caminhando sempre ao intento de o levar a Milaõ, de que era Grats mais vizinho. Partio de Pafcovu, devendo áquelle Povo demonstraçoens de grande commiseraçãõ, a sete de Julho chegou a Grats, onde creceo de forte o aperto, que lhe fizeraõ, que chegaraõ a negar-lhe licença para vender a sua prata, sendo-lhe necessario valer-se della para se sustentar. Tratava-o o Governador humanamente, de que foy asperamente reprehendido: porque naõ querem os que tyrannamente procedem, que alguma acçaõ justa emende as que desconcerta a sua impiedade. Deste lugar teve o Infante correspondencia em Roma com o Bispo de Lamego, para quem vi algumas cartas suas, em que lhe pedia a intervençaõ do Pontifice: encarecendo-lhe o aperto com que passava: porém em Roma naõ valeraõ as diligencias do Bispo para conseguit o que resultava em beneficio da Coroa de Portugal.

Chegou neste tempo por Embaixador de Castella à Corte do Imperador D. Manoel de Moura Marquez de Castello Rodrigo: havia entre elle, e D. Francisco de Mello, por interesses particulares, antiga opposiçaõ, cederãõ-a em damno do Infante, e unidos fomentãõ a sua ruina. Crescendo as diligencias, se multiplicou o máo trato do Infante, tiraraõ-lhe todos os criados Portuguezes: e chegando com elle á ultima mortificaçaõ, lhe prohibiraõ, que se confessasse com hum Padre da Companhia Alemãõ, em que achava alivio espirital. Foy este o golpe mais sensitivo, que experimentou aquelle constante, e valeroso Principe em todo o discurso da sua trabalhosa prizaõ: porque as penas, que chegaõ á alma, tem poder, por serem maiores, para diminuir o rigor dos tormentos do corpo. Entre tanto aperto conseguio o alivio de chegar

gar huma carta sua ás mãos do Imperador, que continha estas forçosas, e discretas razões: *Muitas vezes tenho manifestado a V. Magestade Cesarea a grande injustiça, e agravo, que se me faz, quando eu por haver deixado a patria, e a commodidade da minha casa, e havendo servido oito annos a V. Magestade com tanta satisfação, como sabe todo o mundo, esperava receber grandes favores: agora entendendo que o Marquez de Castello-Rodrigo continuando o mesmo que havia inventado D. Francisco de Mello, procura conduzir-me a Milão, para que eu sirva de zombaria, e sacrificio ao odio, e indignação deste, e outros Ministros: porém espero da grandeza de V. Magestade, que não queira romper em mim as leys da justiça, e aquelle direito, no qual me constituirão a hospitalidade, e fé publica, inviolavel entre as mais barbaras Naçoens. Pelo que espero que V. Magestade terá consideração à minha justiça, e innocencia, deixando huma, e outra nas suas Imperiaes maos até que V. Magestade me franquee o direito das gentes com a mesma liberdade do Imperio, não permitindo que se execute em mim novidade, que sirva de exemplo tao prejudicial à fé publica. Representando juntamente a V. Magestade o grande amor, trabalho, e despeza com que tenho servido a V. Magestade, exjondo a vida a muitos perigos, como agora fizera com o mesmo animo, e fidelidade, se V. Magestade mo permittira. Guarde Deos a Imperial Pessoa de V. Magestade Cesarea. De Grates 16 de Março de 1642. D. Duarte.* A esta carta mandou responder o Imperador pelo Conde de Transmandorff as razões seguintes, que pediaõ differente execução: *Dey a S. Magestade Cesarea a carta de V. Excellencia, e lbe referi tudo o que V. Excellencia me escreveu em 16 do passado. Sua Magestade Cesarea me respondeo muito benignamente, declarando não querer agravar a V. Excellencia na sua afflicção, mas alleviallo muito depressa, e em sendo tempo fazer lbe todo o favor: o que se me offerece referir a Vossa Excellencia beijando lbe as maos. Viena 5 de Abril de 1642.* Mal se pudera colligir do suave estylo desta carta o contrario effeito que brotou o animo que a produzio: mas quem não vio dourado o smargo da pirola? Com a differença

Anno

1641.

Carta ao Imperador.

Resposta do Imperador.

Anno
1641.

rença de ser util aquelle engano, este mortal tanto para o Infante, que o padecco, como para o Imperador, que o fabricou. Porém com a differença de levar ao Infante ao supplicio de huma vida caduca, e entregar o Imperador nas mãos da morte do discredito, que eternamente dura, lavrando este bruto finzel na paciencia do Infante o mais perfeito original da constancia.

*Parte para Flẽ-
des D. Francisco
de Mello, conti-
nua o Marquez
de Castello-Ro-
drigo as negoci-
ações de Caste-
la.*

*Entrega o Im-
perador por di-
nheiro o Senhor
Infante.*

Partio Dom Francisco de Mello para o governo dos Estados de Flandes, premio, como se entendeu, da prizaõ do Infante, ainda que por outras açoens mais decorosas, e verdadeiramente grandes havia merecido a ElRey Catholico maiores lugares. Ficou o Marquez de Castello-Rodrigo entregue da negociaçaõ de passar o Infante a Italia, para que sem dependencia de outro poder se executassem nelle os maiores estragos da sem justiça. Considerando o Marquez precisa esta execuçaõ se resolveo a applicar a mais efficaz diligencia. Teve meio para prometter ao Imperador quarenta mil cruzados, por lhe permittir a licença que pedia. Cerrou a ambiçaõ de todos os olhos a este infelice Principe, naõ se achando em outro algum exemplo de maior desgraça; e resolveo-se a vender a liberdade do Imperio, as leys da hospitalidade, a immunidadade dos Principes livres, a palavra dada, e ratificada muitas vezes com muitas promessas, e ultimamente a receber o dinheiro, e a entregar o Infante nas mãos do Marquez de Castello-Rodrigo. Verdadeiramente que naõ acho termos com que encarecer o horror, que me faz este successo, olhando para o Imperador; e a lastima a que me obriga esta tragedia, pondo os olhos no Infante; porém como a tunica de Cesar banhada em sangue fez maior effeito no Povo Romano, que a traiçaõ de Bruto, e rhetorica de Antonio, passemos toda a eloquencia para a consideraçaõ deste espectaculo, porque delineado na idea de quem lèr esta historia, pretumo que achará maior efficacia na imaginaçaõ, que nos conceitos. Entregue o Infante ao arbitrio do Marquez de Castello-Rodrigo, duvidou da parte que lhe signalaria para eterna prizaõ: desejou que fosse Hespanha, mas achou na conducçaõ grandes difficuldades, e risco em qualquer dos lugares

Anno
1641.

gares em que assistisse, pela vizinhança de Portugal. Em Napoles havia a duvida de que os Principes livres, por cujos Estados havia de passar o Infante forçosamente, não quereriaõ que os seus Estados fossem estrada de huma acção taõ indigna. Ultimamente se veio a resolver no intento proposto de passar o Infante ao Castello de Milaõ, pela fortaleza o mais seguro, e para a conducção o mais facil: elegeo o caminho de Tirol dominio da Casa de Austria, e vizinho do Estado de Milaõ. Passou-se a ordem a Navarro: prevenio elle com toda a attenção o segredo, mas não pode conseguillo, porque chegou primeiro a noticia ao Infante; e perguntando-lhe dissimuladamente se era certo hum discurso que havia feito de que o levavaõ ao Castello de Milaõ, lhe affirmou Navarro com hum solemne juramento, que não tinha tal ordem, uzando da errada politica de hum Ministro do mesmo seculo, que costumava dizer, antepoõdo á ley Divina a fragilidade dos interesses humanos, que não havia meio mais effi- caz para enganar, que o juramento. Desmentio-se brevemente Navarro, e entrou a intimar a ordem ao Infante com grande numero de Soldados, o qual sem a menor alteraçãõ lhe disse. *Seja Deus louvado: Exierunt cum gladiis, & fustibus tanquam ad latronem.* Com toda a brevidade o meteraõ em huma liteira entregue a Stuemberg Comissario Imperial, e á tyrannia de Navarro. Antes que se partisse de Grats escreveo a hum Ministro do Imperador huma eloquentissima carta, em que substanciava todo o successo, e expunha toda a sua queixa, uzando do pequeno desaffogo de hum animo afflicto, que he cõmunicar a sua desgraça. Chegando aos confins da Valtelina, achou hum Sargento mór mandado pelo Governador de Milaõ, ao qual o entregou o Comissario Imperial. Despedindo-se o Comissario do Infante, lhe disse: *Dizey ao Imperador, que maior pena me dá haver servido a hum Principe tyranno, que o verme prezo, vendido, e entregue nas mãos de meus inimigos; mas que Deus ha de permittir que haja alguma hora quem faça o mesmo com seus filhos, que não naterãõ mais privilegiados que eu; pois a Casa Real de Portugal, de que descendo, não cede em sangue á Casa*

Maxima dia
bolica.

Parte para Milaõ.

Recado misterioso para o Imperador.

Anno
1641.

de Austria: e que se lembre para mortificação sua como a mim me succede para meu alivio, de que as historias baõ de fallar nelle, e em mim. Estas eloquentes, e misteriosas palavras merecem conservar-se eternamente na memoria dos homens para castigo do Imperador, e gloria do Infante. Continuou a jornada, e não querendo a fortuna livrallo de golpe algum, teve intelligencia para ver as ordens que levavaõ os que o conduziraõ: eraõ firmadas pelo Imperador, e diziaõ que em caso que encontrassem algum poder que quizesse livrar o Infante, o matastem primeiro; tratando a vida de hum Principe innocente, e livre, como se fora de qualquer Vassallo seu, delinquente no crime de lesa Magestade. Pudera com esta ordem ter perigo a vida do Infante, se se não desvanecera o tratado que o Marquez de Niza, naquelle tempo Embaixador de França, teve com os Esquisaros; porque estiveiraõ resolutos a livrallo quando passasse dos confins do Imperio para o Estado de Milaõ: porém não encontrou no caminho mais que a piedade de alguns que o viaõ padecer sem culpa; multiplicando-se-lhe de fórte com os dias os tormentos, que até a morte lhe tardou, em quanto não teve apuradas todas as afflicçoens da vida. Os Castelhanos lhe deraõ no Castello de Milaõ por apolento a torre da Roqueta, destinada de muitos seculos para prizaõ dos delinquentes de mais atrozes delictos, e de mais baixo nascimento. Puzeraõ-lhe sentinella á vista, cadeia que de fórte o ligava, que nem o somno, unico alivio das infelicidades, tinha livre, porque o acordava a sentinella que succedia. Tiráraõ-lhe os criados, e toda a communicaçãõ que podia servir-lhe de refugio. E finalmente não perdoáraõ a genero algum de martyrio em quanto durou a prizaõ do Infante, que foraõ oito annos, acabando-se-lhe com a vida.

No discurso deste tempo buscou ElRey seu irmão todos os meios da sua liberdade com taõ efficazes diligencias, que entendendo que os Castelhanos queriaõ soltallo por quatrocentos mil cruzados, os mandou passar a Italia; e não fortindo effeito a negociaçãõ, foraõ depois applicados a varios empregos. Communicou-se o

Infante

*Traxera ordem
do Imperador.*

*Entra no Cas-
tello de Milaõ.*

Infante com ElRey os annos que viveo, por intervençãõ de hum Clerigo chamado Dom Francisco Portii, que costumava dizer-lhe Missa. A traça por onde se conteguia a correspondencia, era no tempo em que o Infante ouvia Missa: punha debaixo da alcatifa, que estava ao pé do altar, os papeis que escrevia, sem poder ser visto das sentinellas, no mesmo lugar achava as repostas; tendo o Clerigo conseguido (uzando do pretexto da decencia) que nenhuma outra pessoa, senãõ elle, adereçasse o altar, e compuzesse a Capella. Conservaõ-se na Secretaria de Estado papeis de grande erudiçãõ, e muito importantes documentos politicos, de que ElRey se valeo em varias occasioens. Em 13 de Agosto do anno de 1648 acabou a vida este constante, e Christianissimo Principe. Murmurou-se que a morte fora ajudada, mas depois se entendeu que naturalmente acabara a vida; porque onde o trato era taõ penoso, qualquer outro veneno seria menos efficaç. A maior piedade que os Castelhanos uzaraõ com o Infante, foy deixarem que depois de morto se cumprissem os seus legados, achando só a morte por medianeira da cõmiseraçãõ. Morreo de 39 annos, e viveo composto de todas as virtudes. Era valeroso em grãõ muito supremo, e trazia unidos na esfera mais superior o entendimento, e a prudencia. Esmaltava estas partes com huma liberalidade taõ affavel, que parecia que ficava obrigado a todos os que fazia beneficios. Foy de estatura levantada, branco, e louro, e todas as feiçoens taõ proporcionadas que levava os olhos de todos a sua gentil disposiçãõ. As demonstraçoens que ElRey fez no anno em que morreo o Infante, referiremos em seu lugar; sentindo em quanto viveo, entender-se que fora o seu descuido caula daquella prizaõ, e daquella morte. Naõ faltaraõ politicos dos que sabem tirar o vicio da lisonja do centro da virtude, que julgaraõ ser hum dos fundamentos da conservaçãõ deste Reino naõ vir a elle o Infante, dizendo que o seu natural era caprichoso sem moderaçãõ, e ativo sem regularidade, que todos os cabedaes do Reino eraõ poucos para o seu fausto; e que o exercicio da guerra de Alemanha lhe havia ensinado ideas militares, que naõ serviaõ

Anno

1641.

*Diligencias
d'ElRey para
livrar seu
maõ.*

*Morte do
Señhor D. Duarte*

Seu elogio

Anno
1641.

para a moderação de que necessitava a guerra defensiva. Porém todas estas subtilezas eraõ fallas, e quimericas: porque hum Principo ornado de tantas virtudes forçadamente havia de ser incentivo das melhores acçoens, e **Author dos maiores progressos.**



Anno
1641.

HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTAURADO.
LIVRO IV.

SUMMARIO.



*D*ISPOEM ElRey a fórma da defen-
sa do Reino. Distribuição da gen-
te para a guerra. Eleição do Conde
do Vimioso por Capitão General de
Alemtejo, e dos mais Cabos, e Offi-
ciaes daquella Provincia. Passa a el-
la Mathias de Albuquerque a assistir
às fortificaçoens. Fica governando em ausencia do
Conde do Vimioso. Primeiro rompimento com Ca-
stella. Altera-se o Povo da Cidade de Elvas, ele ta
Praça de Armas, por querer peleijar. Socega o
Mathias de Albuquerque, e satisfaz os Soldados
com emboscadas, e escaramuças. Volta a Alemtejo

Anno
1641.

o Conde do Vimioso. Intentão os Castelhanos ganhar por trato Campo-Maior, e desvanece-se. Marcha o Conde de Monte-Rey com hum Exercito a atacar Olivença: forma as baterias: dá hum assalto: resiste-o Francisco de Mello, que governava a Praça, e retira-se o Conde de Monte-Rey. Torna ElRey a chamar á Corte o Conde do Vimioso. Succede-lhe Mathias de Albuquerque. Varios successos de todas as Praças da quella Provincia. Elege ElRey por Governador das Armas della a Martim Affonso de Mello. Interprende o Conde de Monte-Rey Olivença: defende-a Rodrigo de Miranda, que a governava, valerosamente. Retiraõ-se os Castelhanos com grande perda. Interprende Martim Affonso de Mello a Praça de Valverde: entra a Villa, e defende-se o Forte. Vay governar a Provincia de Entre Douro e Minho D. Gastaõ Coutinho. Fortifica as Praças, e rompe a guerra. Fortificaõ os Galegos em larga distancia os Lugares perigosos da Raia. Determina D. Gastaõ atacar todos a hum tempo: consegue-o com grande felicidade, e valor. Passa D. Gastaõ a Lisboa. Vay governar Tras os Montes Rodrigo de Figueiredo: rompe a guerra, e ganha alguns Lugares em Galiza. Passa a governar a Beira Dom Alvaro de Abranches: guarnece as Praças, e faz diligencia por sustentar a Provincia sem romper a guerra.

A CCLAMADO ElRey D. Joaõ em todos os Lugares, que obedecem á Coroa de Portugal com a felicidade referida, e lançadas as primeiras linhas assim no governo interior, como nas disposições externas, resultou dellas o debuxo do mais fino retrato da politica, sem dever ao successo a sentença desta obra, sendo de todos ordinariamente Juiz a desgraça, ou a fortuna com que se consegue pelo

Anno
1641.

pelo errado discurso dos homens tão cegos como a mesma fortuna; porque avaliando as acções conforme o successo tiraõ ao valor o preço, e ás disposições o premio. Penetrando pois ElRey, que se não corcou Minerva de Prudencia, sem o adorno do escudo militar, e vendo que não havia palmo de terra em todo o circuito do Reino que restaurara, que não fosse fronteira de seus inimigos, e que era impossivel, que a dilação, que pede a fabrica dos baluartes, pudesse ser remedio á brevidade de que dependia a defenſa do Reino; deo ordem para que se fortificasse com os peitos amantes de seus Vassallos, repartindo-os regularmente por todas as fronteiras: considerando que para a defenſa dos Reinos foy sempre esta a muralha mais impenetravel. Porém ainda que ufou deste acertado discurso, não deixou de applicar o maior cuidado ás fortificações, levantando-se em todas as Provincias nas Praças, que eraõ mais precisas, e adiantando-se conforme o calor, e o cabedal com que se trabalhava: e era de qualidade o ardor de todos os Povos, que á competencia huns dos outros se via em todos os Lugares do Reino fabricar fortificações, levantar gente, comprar cavallos, e conduzir armas.

*Dispoem ElRey
a defenſa do
Reino.*

Divide-se Portugal em seis partes, fazendo-se pelo discurso do tempo duas da Provincia da Beira; porque repartindo-se conforme as demarcaçoens antigas, faõ as Provincias cinco, e o Reino do Algarve, Alemtejo, Entre Douro e Minho, Traz os Montes, Beira, e Extremadura. Tem o Reino cem leguas de comprido, extendendo-se em fôrma prolongada pela marinha do Oceano, sendo ultimos extremos ao Meio dia a Villa de Sagres, no Reino do Algarve, ao Septentrião a de Caminha, que confina com o Reino de Galiza. Pela parte da terra tem Portugal menos cinco leguas, sendo termos ao Septentrião a Cidade de Bragança, e ao Meio dia a Villa de Castro-Marim. De largura pela parte que he mais dilatado tem trinta e tres leguas, tirando huma linha recta desde Peniche porto de mar no Oceano a Salvaterra da Beira, que he quasi o Lugar ultimo, que ao Meio dia toca na Raia do Reino de Leaõ. A variedade dos tempos confundiraõ as demarcaçoens, porque ha hoje muitos Lu-

*Descripção de
Portugal.*

Anno
1641.

gares no Dominio de Portugal, que não tocavaõ á antiga Lusitania, e ha outros, que se uniraõ aos Reinos com que confinaõ. O ingenho, e valor he commum em todos os Portuguezes, ornando-os a natureza de singular habilidade para a comprehensãõ das letras, e de melhor disposição para o exercicio das armas. O Reino he abundante de todos os fructos, e colhem-se nelle os mais sazoados, e não dependera de outra Nação alguma, se os Portuguezes quizerãõ uzar de tudo o que lograõ. O terreno das Provincias, que sustentãraõ a maior força da guerra, era em tudo diverso, porque o de Alemtejo he campanha por toda a parte, que olha ao Guadiana, que foy o theatro dos maiores progressos militares, e nesta consideraçãõ eraõ continuas, e maiores as occasioens da Cavallaria. Entre Douro e Minho compoem-se de terreno taõ aspero, tantos montes, e passos difficultosos, que sempre a Infantaria era a que de huma, e outra parte segurava as empresas. Na Beira, e Traz os Montes se contendia em huma, e outra parte com igual poder, e variamente se disputavaõ as occasioens, hora em sitios asperos, hora em Campanha raza. O Algarve sentio pouco tempo a inquietaçãõ das armas. Não tocaraõ na Provincia da Extremadura, porque nunca os Castelhanos chegarãõ a ferir o coração do Reino. Os rios, e os lugares onde se disputaraõ a maior parte das empresas, nomearemos quando chegar o tempo de dar noticia dellas. Este pequeno tronco de Portugal animado dos fructos dos muitos ramos, que estende por todo o mundo, resistio valerosamente á memoravel guerra, a que damos principio. Foy hum dos fundamentos mais principaes da nosstra defenfa a regularidade, e disciplina com que se dispoz, assim o exercicio da guerra, como os meios de se sustentar, admiravelmente alimentada de todas as forças do Reino; porque não se exceptuou pessoa alguma desde maior esfera ás de inferior qualidade, desde os moços de quinze annos até os decrepitos de setenta, que não tributasse voluntariamente a fazenda, e que não entregasse com grande gofsto a vida para conseguir a defenfa da Patria, reinando em todos os animos a averfãõ á Nação Castellhana,

herda.

herdada dos ascendentes, e desejo da liberdade.

Repartio ElRey Governadores pelas Provincias, dividio as Provincias em Comarcas, e as Comarcas em Companhias, tendo cada huma das Comarcas hum Governador, hum Sargento mór, e dous Ajudantes, e cada huma das Companhias todos os Officiaes de que costumaõ compôr-se. Esta qualidade de gente tinha o titulo de Ordenança, e estava alistada por todo o Reino com utilissima distincção, comprehendendo as listas todos os homens do Reino de quinze até setenta annos. Destas listas se tiravaõ para Soldados pagos os filhos segundos de todo o genero de pessoas, exceptuando-se os filhos unicos de viúvas, e lavradores para a cultura das terras. Destes, e dos catados de boa idade, e disposição, se formou em cada huma das Comarcas hum Terço, dando-lhe o titulo de Auxiliares. Nomeava ElRey para Mestre de Campo de cada hum dos Terços a pessoa mais nobre, e de melhor talento daquella Comarca, e das mesmas qualidades se buscavaõ os Capitaens para as Companhias; a todos estes Officiaes dava ElRey patentes, e privilegios de pagos. Buscavaõ-se para Sargentos môres, e Ajudantes destes Terços os Capitaens de Infantaria, e Alferes mais praticos dos Exercitos, com o fim de exercitarem os Soldados, e eraõ soccorridos da mesma sorte, que os mais das fronteiras. A obrigação dos Terços auxiliares era acodirem ás fronteiras, para que estavaõ destinados, na occasião de guerra ou offensiva ou defensiva: em quanto estavaõ nellas eraõ soccorridos com pão de munição, como os Soldados pagos, e o mesmo se observava com os da Ordenança; acabadas as occasiões se recolhiaõ a suas casas. As Companhias da Ordenança, que se compunhaõ dos homens de maior idade, acodiaõ quando era maior o aperto, e quando os Exercitos estavaõ em Campanha, a guarnecer as Praças, que lhe ficavaõ mais vizinhas; e para que esta ordem se não confundisse, nem houvesse exorbitancias muito contingentes nestas diligencias, quando era necessario levar para os Exercitos, repartia ElRey por todas as Comarcas do Reino os Generaes, e Cabos de maior zelo, e experiencia, e os Ministros de maior qualidade

Anno

1641.

*Distribuição da
gente para a
guerra.*

Anno
1641.

lidade, e confiança. Da Provincia de Alemtejo se tiravaõ para a mesma Provincia as levas dos Soldados pagos, dedicando-se ou huma só Comarca grande, ou duas pequenas unidas para as levas de cada hum dos Terços, e da mesma sorte os lugares para as Companhias: assim para que os Soldados, sendo parentes, e conhecidos, se conservassem; como para que, ausentando-se, fossem facéis de reconduzir. E porque as Praças de Alemtejo eraõ mais, e os Exercitos maiores, e que operavaõ continuamente, dedicou ElRey com a mesma distincção de Comarcas, e mais ordem referida, toda a Provincia da Extremadura, e parte da Beira para acodirem a Alemtejo. As mais Provincias se alimentavaõ a si mesmas com a mesma ordem, e disciplina. Para se conservar a Cavallaria, se usou de huma industria taõ util, que pareceo pelo effeito milagrosa: deo-se lhe o nome de Arca, e Contrato, que vinha a ser entregar ElRey aos Capitaens hum certo numero de cavallos, os quaes eraõ obrigados a conservar comprando pelo seu dinheiro os que lhe faltavaõ, dando-lhe ElRey para este effeito nas mostras hum certo preço, o qual crescia tanto quanto as Companhias se augmentavaõ, declarando-se no contrato, que os Capitaens fizeraõ com ElRey outras distracções de muito grande conveniencia. Acodia á Provincia em que havia guerra, a que ficava mais vizinha, e succedendo marchar com as Tropas o Governador das Armas, estava á ordem daquelle a que soccorria: ajustamento que evitou muitos embaraços, que nestas occasiões costumaõ acontecer. As mais disposições militares foraõ tiradas das que observáraõ em todos os seculos os maiores Mestres da guerra; e chegáraõ a exercitar-se com tanta perfeição, que pudéra Portugal ser escola de todas as nações de Europa, assim como nella foy theatro dos maiores progressos. Entendo, que estas noticias naõ seraõ molestas a quem ler esta historia: porque como foraõ fundamento das gloriosas acções de que ella se compoem, pois he alma da guerra a boa disciplina, ficará sem duvida com maior clareza, e distincção tudo o que ao diante formos referindo.

Logo que ElRey tomou posse do governo do
Rei-

Reino, elegeo por Capitaõ General de todo elle a Dcm Affonso de Portugal Conde do Vimioso. Naõ chegou a gozar as grandes preeminencias deste Posto, mudado o animo d'ElRey por Francisco de Lucena, o qual lhe aconselhou, que naõ era justo antepôr com differença taõ desigual hum Vassallo a tantos, a quem devia iguaes finezas. Foy esta variedade sentida do Povo, de quem o Conde era estimado assim pelas suas virtudes, como pela memoria de seos Avós, os quaes foraõ sempre unidos aos interesses de Portugal. Era dotado de muito valor, de juizo, e liçaõ, e de summa bondade, que muitas vezes lhe prejudicava; sendo preciso por invençaõ diabolica, que nasce a malicia, forçosa companheira da Politica. Falta-lhe ao Conde a experiencia militar, geral defeito dos mais daquelle tempo, por naõ haverem visto guerra alguma. Passou a exercitar o seu Posto só na Provincia de Alemtejo a 20 de Dezembro, levando consigo seu filho D. Luiz de Portugal, que foy logo Capitaõ de Infantaria, pouco tempo depois Mestre de Campo, e a D. Diogo de Menezes, que assentou praça na Companhia de D. Luiz. Chegou a Elvas, Cidade que elegeo por Praça de Armas, achando-a por todos os requisitos a mais capaz deste titulo. Fica distante tres leguas de Badajoz, Praça de Armas dos Castelhanos. Corre Guadiana entre as duas Cidades, banha as muralhas de Badajoz, e dista duas leguas de Elvas, por inclinar a corrente para a parte de Portugal. He taõ igual a campanha, que divide estas duas Cidades, que se divisaõ claramente de huma os vultos, que sahem da outra. Elvas fica em sitio mais eminente: porém sóbe-se a ella com taõ pouco trabalho, que parece que foy prevençaõ da natureza fazella taõ regular, para que a circumvallasse huma das melhores fortificaçoens do mundo. Achou o Conde do Vimioso por intervençaõ do Bispo de Elvas D. Manoel da Cunha, dispostos os animos dos moradores a empenhar as vidas na liberdade da Patria, e a sacrificar as fazendas á defenza da Cidade. Com esta resolução haviaõ derrubado as casas, que embaraçavaõ a antiga muralha, de que Elvas com terceiro recinto, que recolhia a si todos os edificios, era cercada, levantando

Anno

1641.

O Conde do Vimioso Capitaõ General.

Elege Elvas para Praça de Armas.

algu:

Anno
1641.

*D. Joaõ da Costa
primeiro Mestre
de Campo.*

*D. Rodrigo de
Castro, Gaspar
de Sequeira
Capitães de Cavallo.*

*Passa a Alem-
tejo Mathias de
Albuquerque.*

algũas ruinas, que os muitos annos haviaõ occasinado na muralha. Fecharaõ tambem as portas, e mais arriscadas, deixando só para o serviço da Cidade abertas tres: a de Evora, que depois foy fabricada mais adiante, na fortificação moderna se chamou da Esquina, e fica ao Occidente: a de Olivença quasi na parte opposta, que olha a Badajoz; e a de S. Vicente entre huma, e outra, olhando a Campo Maior. Com a assistencia, e authoridade do Conde se deo mais calor á defensa da Cidade, e da mesma fórte a todas as fronteiras da Provincia. Deo logo ordem a que se fizessem levadas de Infantaria, e Cavallaria: e foy o primeiro Mestre de Campo, que levantou gente em Evora Dom Joaõ da Costa, o qual resplandecio todo o tempo, que lhe durou a vida, com tantas virtudes, e acçoens taõ valerosas, como largamente referirá esta historia, sem ter escrupulo de parecer Chronista suspeito, constando, que devo a este Varaõ insigne na criação, e documentos dos primeiros annos da guerra, segunda natureza. Para Capitaens das primeiras duas Companhias de Cavallos nomeou El Rey a Dom Rodrigo de Castro, e Gaspar de Sequeira Manoel, que com grande diligencia as formaraõ logo, ainda que de pouco numero: porém como o zelo do Conde naõ superava a falta de experiencia, corriaõ as disposiçoens com maior confusaõ, que utilidade; de que se originava, sendo o dinheiro pouco, gastar-se inutilmente.

Acodio El Rey a este damno, mandando a Alemtejo Mathias de Albuquerque, que na guerra do Brasil havia grangeado com grandes experiencias memoravel opiniaõ. Era muito pratico nas fortificaçoens, e no manejo da Infantaria: mandou-o El Rey sem posto a Alemtejo para instruir aos Soldados daquella Provincia em hum e outro exercicio. Chegando a Elvas, e vendo, que a Cidade estava em bastante defensa, passou a Olivença, julgando naquella Villa mais preciza a sua assistencia, por ficar da outra parte de Guadiana exposta á invasaõ de Castella, ainda que se communicava com as Praças desta parte por huma grande ponte, que alguns annos esteve levantada. Deo principio á fortificação da Villa: porém
naõ

naõ querendo fazer damno às casas, lançou as linhas mais dilatadas do que era necessario, e foy depois muito difficuloso fabricar de pedra, e cal os baluartes, que entãõ se fizeraõ de terra, e faxina. E ainda a resoluçãõ dos moradores remedeou este damno, porque reconhecendo que por conservar huma pequena parte punhaõ em contingencia tudo o que logravaõ, pediraõ a Mathias de Albuquerque que desenhasse a Fortificaçãõ pelo sitio mais conveniente, sem fazer caso da destruiçãõ dos edificios. Feito o desenho, e começada a obra, foy de sorte o calor, e diligencia dos moradores, que em breves dias estava a Praça cerrada, e os baluartes em altura sufficiente. Mathias de Albuquerque, deixando ordem para que se continuasse o trabalho, passou a Elvas, por julgar preciso acodir brevemente a todas as partes. Em Elvas deo ordem a se levantarem tres meias luas diante das portas; e fabricou-se outra no outeiro de Santa Luzia, onde agora se ve o grande Forte, que depois se levantou, e communicou por huma linha com a porta de Oliverça. Pela parte interior da muralha facilitou poder-se correr toda sem embaraço, e mandou arrimar algum terraplano nos lugares por onde mais facilmente podia ser batida da artilharia. Concorreo o povo para o dispendio destas obras com o dinheiro, que resultava de dous reis que impuzeraõ na carne, peixe, e vinho, estando costumados a lhe parecer suave este genero de tributo, sendo seos antepassados os primeiros que o introduziraõ em Portugal para a grande fabrica de arcos, e canos, com os quaes meteraõ a agua na Cidade, ficando as fontes, donde sahe, huma legua della: deixando este tributo em todo o Reino o titulo de *Real da Agua*, ao que agora se costuma impôr, offerecendo-se algum aperto nas mais das Cidades, e lugares delle. Passou Mathias de Albuquerque a Campo Maior, e approvou o desenho por onde se trabalhava na Fortificaçãõ daquella Praça, accrecentando-lhe só o baluarte de S. Sebastiaõ. Quando voltou a Elvas achou ja formadas algumas plataformas de madeira nas partes mais convenientes da muralha, para que havia deixado ordem: plantou nellas a artilharia, e deo principio á fabrica dos

Anno
1641.

*Fortifica Oliva
vença.*

*Augmenta as
fortificações
de Elvas.*

*Principio do
Real da agua.*

*Obra o mesmo
em Campo Maior.*

cava-

Anno
1641.

*D. Francisco de
Souza forma em
Beja hum Terço*

*Capitaens mo-
res.*

*Chama El Rey
o Conde do Vi-
moso, governa
Mathias de Al-
buquerque.*

*O Conde de
Monte Rey Go-
vernador das
Armas de Cas-
tella.*

*Governa Bada-
joz o Marquez
de Toral.*

cavallinhos de friza, de que em muitas occasioens u sou com muita utilidade a Infantaria contra a Cavallaria de Castella. Neste tempo chegou a Elvas D. Joaõ da Costa com algumas Companhias de seu Terço que levantava em Evora, para onde voltou a acabar de formallo, e dar principio á fortificaçõ daquelle Cidade; defenho que le naõ ajustou muitos annos; e parecendo fatalidade, mostrou depois o successo que havia sido providencia. Com as Companhias que faltavaõ do Terço, entrou Dom Joaõ da Costa em Elvas brevemente. D. Francisco de Sousa, levantava com igual diligencia outro Terço, de que foy Mestre de Campo na Comarca de Beja, o qual se applicou á guarniçaõ de Moura, e Serpa: formou tambem algumas Companhias soltas, que depois se reduziraõ a Terços da guarniçaõ de Elvas, Campo Maior, e Olivença. Por Capitaens mores destas tres Praças nomeou El Rey da primeira D. Alvaro de Ataide, da segunda a Gomes Freire de Andrade, e da terceira Francisco de Mello. Neste tempo, prevalecendo com El Rey as calumnias dos inimigos do Conde do Vimioso, o chamou á Corte com apparentes pretextos, e mandou ordem a Mathias de Albuquerque, para que exercitasse o governo das Armas de Alemtejo, nomeando o Conselheiro de Estado.

Mandava as Armas dos Castelhanos o Conde de Monte Rey, que assistia na Cidade de Merida, nove leguas distante de Badajoz. Governava Badajoz o Marquez de Toral; e as Tropas, que mandavaõ, naõ eraõ formidaveis, pela diversãõ do exercito de Catalunha, cuidado principal da paixãõ do Conde Duque em grande utilidade da nossa conservaçaõ. Porém ainda que o exercito naõ era grande, nos excedia muito em o numero, e disciplina: porque para crescerem as nossas Tropas, faltavaõ os cabedaes, e para se exercitarem, sciencia; sendo o lethargo de sessenta annos de cativoiro de Castella, perigosa occasiãõ, depois de restaurado Portugal, da sua vingança. Esteve a guerra alguns mezes suspenza, assim pela pouca disposiçaõ de ambas as partes, como pelas grandes raizes que a communicaçãõ de tantos annos havia lançado nos animos de hu n, e outro Reino: intentando
além

Anno
1641.

a'ém desta razão a politica dos Castelhanos conseguir com as negociaçoens occultas a recuperação de Portugal, avaliando-a com a guerra aberta por muito duvidosa na consideração do grande valor dos Portuguezes, em diferentes seculos com o proprio prejuizo tantas vezes experimentado. Foy a Portugal a dilação da guerra de grandissima utilidade: porque tiverão tempo as preverçoens de todo o Reino para se proporcionar com menos embarço ao perigo da Conquista. O Marquez de Terceira foy o primeiro que rompeo a suspensão das armas: porque sahindo em nove de Junho a Ronda de Elvas com a pouca attenção que costumava, não passando de dez o numero dos Cavallos da Companhia de D. Rodrigo de Castro, acháráo outros tantos Castelhanos que os provocárao a escaramuçar. Não lhes perturbou os animos o novo accidente, atacárao a escaramuça com grande resolução: porém ao tempo que prevalecião contra os dez Castelhanos, sahiraõ trinta que estavaõ em boscados em humas vinhas chamadas das Caldeiras junto ao Guadiana, e superando o maior numero ao maior valor, rendéráo sete Portuguezes, e salváraõ-se tres. Durando o conflicto, cahio morto o cavallo de Roque Antunes natural de Moura, e resolutos a perder a vida por eternizar a memoria, não aceitou quartel com a pensão de dizer, *Viva El Rey D. Philippe*, a que os Castelhanos queriaõ obrigar, e sacrificou o generoso espirito com as repetidas vozes de, *Viva Deus, e El Rey D. João meu Senhor*: deixando escrito com o seu sangue, que não tem honra nem vida aquelle que por conservar a vida quer perder a honra. Os tres Soldados, que escapáraõ, derão em Elvas o primeiro rebate: todos os que ouviraõ a noticia do successo, se arrojáraõ furiosamente a sair sem ordem a solicitar a vingança: porém deteve-os a prudencia de Mathias de Albuquerque, mandando cerrar as portas da Cidade, temendo que os Castelhanos se armassem a esta desordem com maior poder. E para que esta ponderação ficasse manifesta, sem perigo do seu credito, aos que naquelle tempo pouco exercitados não sabiaõ distinguir as acçoens militares, se poz a cavallo, e correndo a Cidade dizia em

Primeiro rompimento da guerra.

Morte gloriosa de Roque Antunes.

Anima Mathias de Albuquerque o Povo de Elvas.